

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

DISTRIBUIÇÃO E CRONOLOGIA DOS "SEPULCROS DE CORREDOR" NAS ILHAS BRITÂNICAS.

DANIEL, G. E.; POWEL, T. G. E.

Ano: 1952 | Número: 62

Como citar este documento:

DANIEL, G. E.; POWEL, T. G. E., Distribuição e cronologia dos "Sepulcros de Corredor" nas Ilhas Britânicas. *Revista de Guimarães*, 62 (1-2) Jan.-Jun. 1952, p. 5-64.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Distribuição e cronologia dos «sepulcros de corredor» nas Ilhas Britânicas (*)

PELOS PROFESSORES

G. E. DANIEL, M. A., Ph. D., F. S. A.

T. G. E. POWELL, M. A., F. S. A.

I — Introdução

O presente estudo tem por objectivo a análise dos elementos de que dispomos para o estabelecimento das cronologias relativa e absoluta dos sepulcros de corredor das Ilhas Britânicas. O título do nosso trabalho e esta sumária indicação da sua finalidade requerem, porém, antes de entrarmos no assunto, o esclarecimento prévio do sentido exacto que atribuímos à expressão « sepulcros de corredor ».

(*) Este notável estudo sobre um dos aspectos mais importantes da Arqueologia pré-histórica das Ilhas Britânicas tem para os investigadores portugueses um incontestável interesse, não só pelas analogias que destaca entre determinada classe de monumentos funerários britânicos e outros existentes na Península Hispânica, como pelos dados de ordem cronológica que nos faculta para o estudo, ainda tão incompleto, da chamada Cultura megalítica portuguesa, e das influências que porventura ela exerceu, através de contactos marítimos atlânticos, nas costas do Norte da Europa, da Grã-Bretanha e da Irlanda. Razão pela qual solicitámos dos Autores deste trabalho (publicado em 1949, nos «Proceedings of the Prehistoric Society»), Srs. Professores Glyn E. Daniel, da Universidade de Cambridge, e Terence G. E. Powell, da Universidade de Liverpool, autorização para o reproduzirmos em versão portuguesa na nossa Revista. A tradução foi habilmente feita por Miss Marion Jennings, e revista, especialmente na parte técnica e de interpretação arqueológica, por Mário Cardozo.

Também julgamos útil inserir aqui algumas reproduções e plantas de monumentos pré-históricos britânicos, geralmente mal conhecidos entre nós, que nos foram amavelmente facultados pelos Autores, e ainda de outros monumentos citados mas não contidos na publicação original.

(Nota da Red.)

Para nós, esta designação genérica significa uma câmara funerária pré-histórica, de planta circular, poligonal ou quadrangular, servida por uma passagem ou corredor de comunicação, e onde normalmente se praticavam enterramentos colectivos. Este tipo de monumentos tanto pode compreender uma edificação com paredes constituídas por lages postas ao alto (*orthostats*), sustentando uma cobertura formada por uma ou mais grandes lages (dólmenes e galerias cobertas), como uma construção cujas paredes foram formadas de pequenas pedras dispostas em fiadas horizontais, de junta seca, e rematando num tecto de «falsa cúpula» (*corbelled vault*), como, finalmente, dizer respeito a um edificio resultante do emprego destas duas técnicas construtivas. Por outro lado, temos ainda a considerar os monumentos pertencentes a esta mesma classe, mas total ou parcialmente abertos na rocha branda ou friável, como sejam as «grutas artificiais» (*rock-hewn* ou *rock-cut tombs*), ou resultantes da combinação de uma parte erguida à superfície do solo, com outra escavada no terreno. Em quase todos os casos apontados, as faces exteriores destes sepulcros de corredor foram primitivamente cobertas por um aglomerado, ou *tumulus*, de terra e pedras (*barrow* ou *cairn*). A variedade de processos de construção de tais sepulcros não invalida, contudo, a sua inclusão numa classe morfológica comum, isto é: as grutas funerárias de Alcaide (Málaga) e Palmela (Portugal) são sepulcros de corredor, como o são igualmente os monumentos de falsa cúpula de Alcalar (Algarve, Portugal) e de Ile Longue (Morbihan), ou os dólmenes de Kercado (Morbihan) e de Bryn Celli Ddu (Ilha de Anglesey).

Quaisquer que sejam, porém, os pontos de vista acerca do parentesco destes sepulcros de corredor com outras modalidades de câmaras funerárias pré-históricas (e essa diversidade de pontos de vista não interessa no presente estudo), uma tal variedade de opiniões não obsta ao agrupamento de todos estes monumentos a que aludimos num tipo morfológico especial. É certo que a simples forma da câmara funerária pré-histórica não passa, na verdade, de um

mero elemento subsidiário para o seu estudo, pois não desconhecemos os lapsos em que pode incorrer quem estabelece uma tipologia, seja de carácter megalítico ou qualquer outra; estamos, porém, convencidos de que o conhecimento exacto destas câmaras depende de uma cuidadosa análise dos principais tipos morfológicos e do estudo do seu conjunto sob os pontos de vista geográfico e cultural. Devemos notar que a designação de «sepulcro de corredor» é aqui empregada num sentido estritamente taxinómico e não descritivo, pois é evidente que uma tal classificação não pode abranger toda e qualquer câmara funerária pré-histórica pelo simples facto de ela conter um corredor de acesso. É de lamentar a falta de uma designação bem apropriada ao tipo de sepulcro que acabamos de definir, designação que não incluísse a palavra «corredor», pelas confusões a que esta pode dar lugar; contudo, a expressão usual, *passage-grave* (em francês, *dolmen à galerie*; em alemão, *Ganggrab*; em sueco *grafvar med gång*, ou *gånggrift*) está tão enraizada que não é possível substituí-la, apesar de frequentes vezes ser usada com menos propriedade. Talvez o emprego da expressão «sepulcro de corredor da Europa Ocidental» fosse mais preciso para definir a classe de monumentos a que vamos referir-nos, a qual engloba, indiscutivelmente, como não é de mais acentuar, três formas análogas e fundamentais de construção: — em primeiro lugar o sepulcro de corredor cavado directamente na rocha friável, como os de Palmela, Carenque e Alapraia (Fig. 1); em segundo, o de paredes de junta seca e tecto de falsa cúpula, como Los Millares, Alcalar e New Grange (Figs. 4 e 5); finalmente, o sepulcro «megalítico» propriamente dito, com paredes formadas por meio de pedras postas ao alto, que sustentam as grandes lages da cobertura, como os de Kercado ou de Bryn Celli Ddu (1). A palavra

(1) A esta terceira forma de construção alude Daniel, sob a designação de «sepulcro de corredor do tipo de Pavia». Vide «Dual Nature of the Megalithic Colonisation of Prehistoric Europe», *Proc. Preh. Soc.*, 1941, 1 ss.

tholos, por vezes empregada para designar alguns ou todos estes monumentos, também não satisfaz, e por isso a não adoptamos: primeiramente, porque, em Arqueologia clássica, significa qualquer edificio circular, com ou sem um *dromos* como elemento de acesso (Fig. 3); em segundo lugar, porque parece ser unicamente aplicável a uma câmara abobadada, seja de

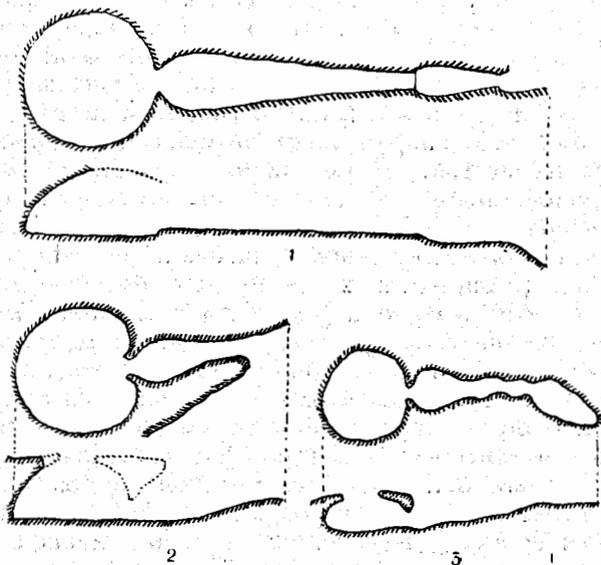


Fig. 1 — *Grutas artificiais sepulcrais portuguesas*

1, Gruta I de Alapraia; 2, Gruta III de Palmela;
3, Gruta III de Carenque.

(De Jalhay)

cúpula verdadeira ou falsa. Não quisemos, portanto, na presente descrição dos sepulcros de corredor da Europa Ocidental, utilizar uma terminologia que tendesse a estabelecer diferenciação entre monumentos considerados morfológicamente idênticos, distinção essa que apenas se apoia no simples facto de os métodos de construção empregados serem diferentes, o que aliás pode muito bem ter unicamente dependido

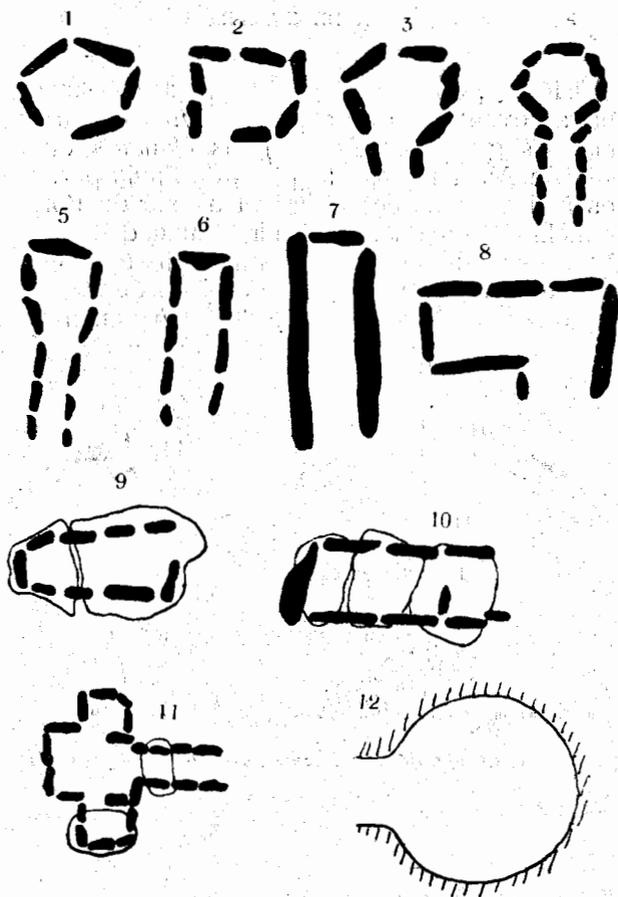


Fig. 2 — Alguns tipos de monumentos sepulcrais da Europa Ocidental

1, Dolmen-B poligonal; 2, Dolmen-B rectangular; 3, Dolmen-B de corredor incipiente; 4, Dolmen de corredor, do tipo de Pavia (Alentejo-Portugal); 5, Sepulcro de corredor em forma de V; 6, Sepulcro de «entrada» (*entrance grave*); 7, Dolmen-A; 8, Dolmen-A angular (*angled A-dolmen*, ou *dolmen coudé*); 9, Galeria coberta, em forma de cunha (*wedge-shaped gallery grave*); 10, Galeria coberta do tipo de Loire (França); 11, Galeria coberta, com transepto (*transepted gallery grave*); 12, *Tholos*.

da existência, ou da falta, ou ainda da qualidade da rocha aproveitada para o fim em vista. Em nossa opinião as grutas de Palmela, as câmaras de falsa cúpula de Alcalar e os dólmenes de Pavia pertencem todos à mesma tradição cultural do sul de Portugal, e a melhor forma de exprimir a unidade desta tradição é dar a todos estes monumentos a designação comum de «sepulcros de corredor», ou de «sepulcros de corredor da Europa Ocidental». Argumentos se-

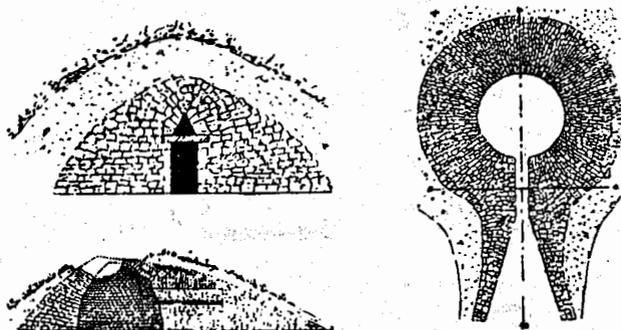


Fig. 3 — Tholos sepulcral micênico, da Ilha de Eubea (Grécia)

(De Papavasileion)

melhantes se opõem ao emprego, em sentido geral, da palavra «megálito»: para ela ter *propriedade etimológica* deverá aplicar-se unicamente às câmaras funerárias com paredes de esteios apurados e tecto de grandes lages, e portanto só a poderemos empregar com referência a uma determinada modalidade de sepulcros de corredor, como, por exemplo, aos de Pavia (Fig. 10); contudo, tal designação tem sido tornada extensiva a todas as espécies de sepulcro, desde os cavados na rocha às cistas de Brahmagiri ⁽¹⁾.

(¹) V. G. Childe, «Megaliths», *Ancient India*, 4 (1947-48), 5 ss.

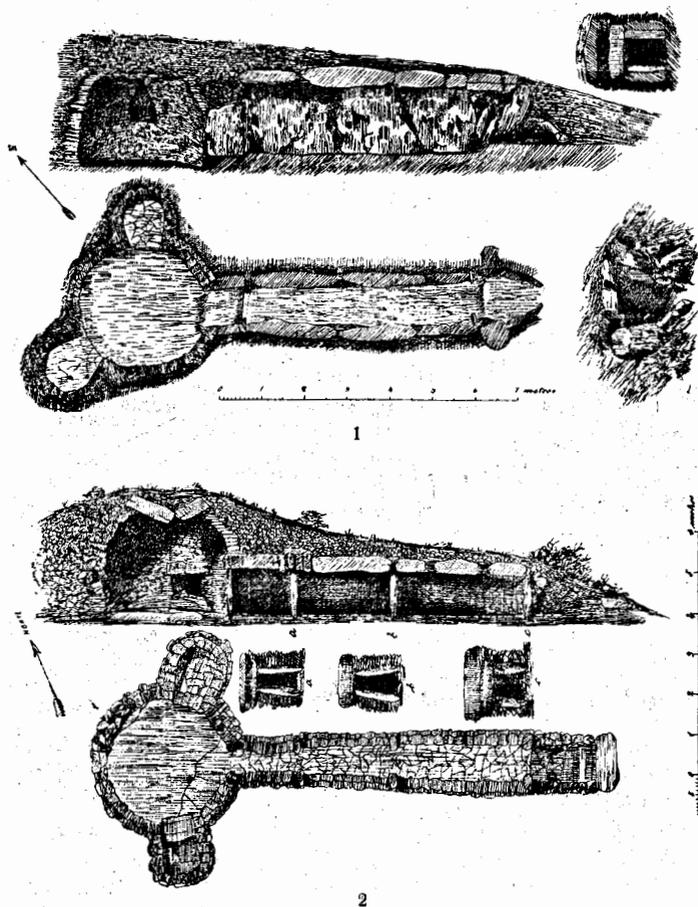


Fig. 4—Sepulcros de corredor e falsa cúpula da Necrópole de Alcalar (Algarve-Portugal)

1, Monumento n.º 4; 2, Monumentos n.º 7 (Freguesia da Mexilhoeira Grande, Concelho de Portimão).

(De E. da Veiga)

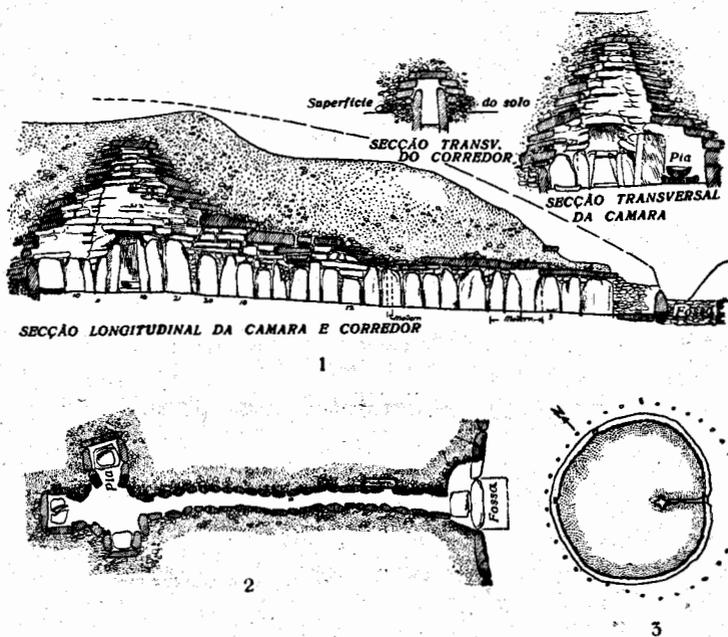


Fig. 5 — Sepulcro de corredor e falsa cúpula, de New Grange (Brugh na Boinne, C.º Meath, Irlanda).

(Escala: corte longitudinal, 1/250; planta baixa, 1/400; planta do conjunto do monumento, 1/4.000).

Não deve, porém, supor-se que todos os sepulcros de corredor abrangidos pela nossa definição sejam, em absoluto, morfologicamente idênticos: as expressões «câmara redonda», «poligonal» ou «quadrangular» comportam uma grande diversidade. Entre os milhares de câmaras pré-históricas do Ocidente e do Noroeste da Europa, existe naturalmente uma grande variedade de tipos, muitos dos quais estão localizados em pequenas áreas, enquanto outros obtiveram uma larga expansão. Há perto de vinte anos que o Professor Childe apontou, num trabalho clássico, este facto da ampla distribuição dos tipos comuns, e da restrita expansão de outros tipos menos vulgares, estabelecendo duas regras quanto à tipologia das câmaras funerárias pré-históricas: a) os tipos mais antigos são os mais frequentemente reproduzidos em maior número de regiões distintas; b) em qualquer área, os tipos mais antigos aparecem concentrados em torno de um ou mais focos (1). Duas décadas de estudos de arqueologia comparada, sobre as câmaras funerárias pré-históricas, levados a cabo por diversos investigadores, só vieram confirmar, fundamentalmente, a exactidão daquelas proposições. Aplicando-as à classe dos sepulcros de corredor da Europa Ocidental, podemos distinguir entre as câmaras funerárias pré-históricas, pelo menos a título provisório, um tipo de sepulcros mais antigo, ou *primário*, e outros tipos mais modernos, ou *secundários*. O tipo primário é constituído pelos clássicos sepulcros de corredor, como os de Palmela, cavados na rocha, ou como as construções de falsa cúpula de Alcalar e de Ile Longue, ou ainda como os túmulos megalíticos de Kercado e de Gavrinis. Estes sepulcros do tipo primitivo apresentam, por vezes, uma ou duas pequenas câmaras laterais, comunicando com a câmara principal (Fig. 4). As superfícies exte-

(1) «Scottish Megalithic Tombs and their affinities», *Trans. Glasgow Arch. Soc.*, 1931-3, 120-37. Leia-se também de Childe, «Megalithic Tombs in Scotland and Ireland», na mesma publicação, 1947, 1-16.

riores, à excepção dos exemplares cavados no terreno, são quase sempre cobertas, como dissemos, por um *tumulus* redondo (*round barrow*). A entrada do corredor é marcada por um recorte no bordo do túmulo ou *mamoá*; em certos exemplares (p. ex., em Los Millares) este dispositivo foi praticado de maneira a formar uma espécie de átrio, ou recinto

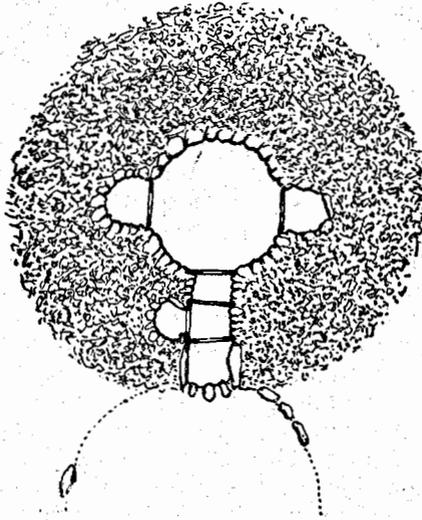


Fig. 6 — *Sepulcro 20 de Los Millares.*

(Junto da entrada, vestígios de um recinto semi-circular).

(De Stret)

exterior, em semi-círculo (Fig. 6), mas a sua existência não constitui regra geral nestes modelos primários. A outra classe, mais recente, de sepulcros de corredor da Europa Ocidental é constituída por variantes locais resultantes da evolução do tipo básico primário; destas variantes são exemplares bem conhecidos os sepulcros de corredor curvo ou angular, do Morbihan (a que os franceses chamam *allées couvertes coudées*), os sepulcros em forma de T, da

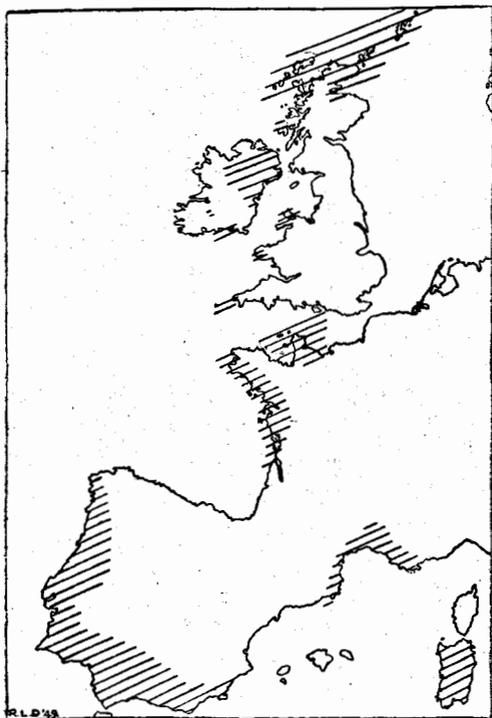


Fig. 7 — *Distribuição dos sepulcros de corredor da Europa Ocidental.*

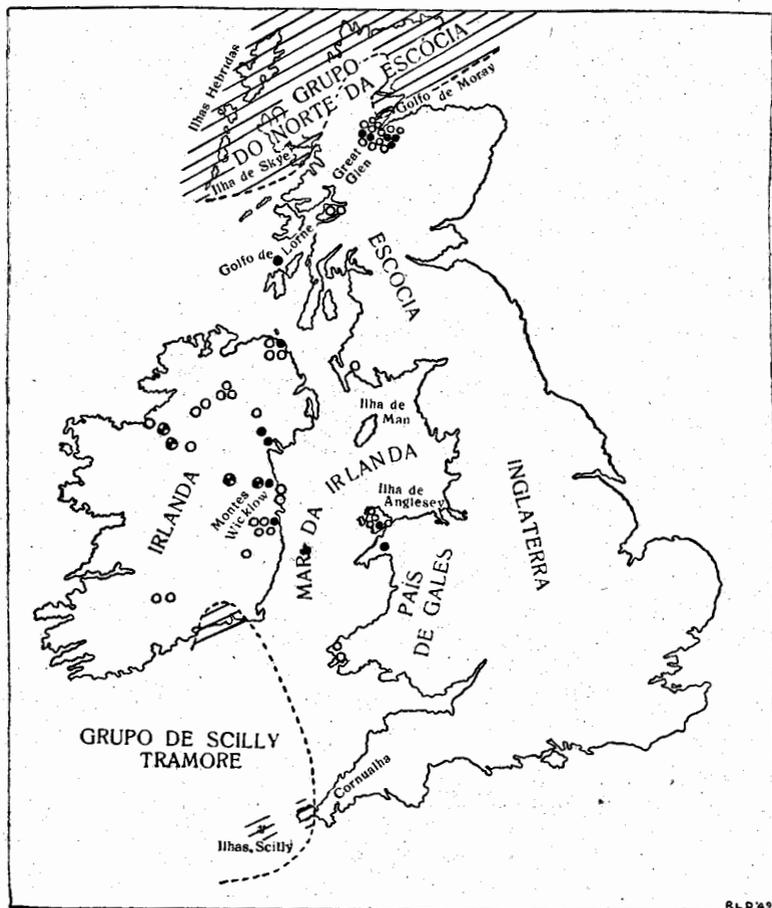


Fig. 8 — Sepulcros de corredor da Grã-Bretanha e da Irlanda

- Sepulcros de corredor primários
- Sepulcros de corredor secundários
- ⊙ Necrópoles de sepulcros de corredor secundários

Dinamarca, norte da Alemanha e norte da Holanda, e os em forma de V (*entrance graves*) de Finisterra e das Ilhas Normandas (1).

II — Distribuição

A distribuição dos sepulcros de corredor da Europa Ocidental tem sido muitas vezes publicada (Fig. 7) (2). Além dos sepulcros desta classe existentes nas Ilhas Britânicas, podemos considerar, na Europa Ocidental, quatro grandes núcleos ou agrupamentos:

1) Os de Espanha e de Portugal, ainda não há muito dados a conhecer através da esplêndida obra de Georg e Vera Leisner, que elaboraram um *Corpus* dos monumentos funerários de enterramento colectivo, do sul da Península Ibérica (3). Ocupam duas zonas principais, já assinaladas por Cartailhac, ou sejam, a de Sudeste (de Almeria), ou de Los Millares) e a de Sudoeste, ou Lusitana.

2) Os sepulcros de corredor da região Nordeste de Espanha e Sudeste da França, aos quais, por comodidade, podemos dar a designação geral de Grupo ligúrico. Nesta zona, a falta de escavações sistemáticas e o estado de ruína em que se encontram tais monumentos

(1) Para um resumo geral da nomenclatura e classificação das câmaras sepulcrais pré-históricas vide Daniel, «Dual» cit., 1-10, e *The Prehistoric Chamber Tombs of England and Wales*, Cambridge, 1950, cap. I.

«Entrance grave» (*sepulcro de entrada*) é talvez uma designação pouco feliz, podendo conduzir à suposição de que este tipo de sepulcro é uma variante do sepulcro de corredor ou da galeria coberta. A expressão «sepulcro de corredor em V» ou «em forma de V» dá melhor a ideia da verdadeira natureza da respectiva classe de sepulcro.

(2) Este mapa substitui o adoptado por Daniel, 1941, 11, e foi delinado com base nos novos mapas editados pelos Leisner, *op. cit. infra*, est. 164, e 174-6.

(3) Georg e Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, I, 1943.

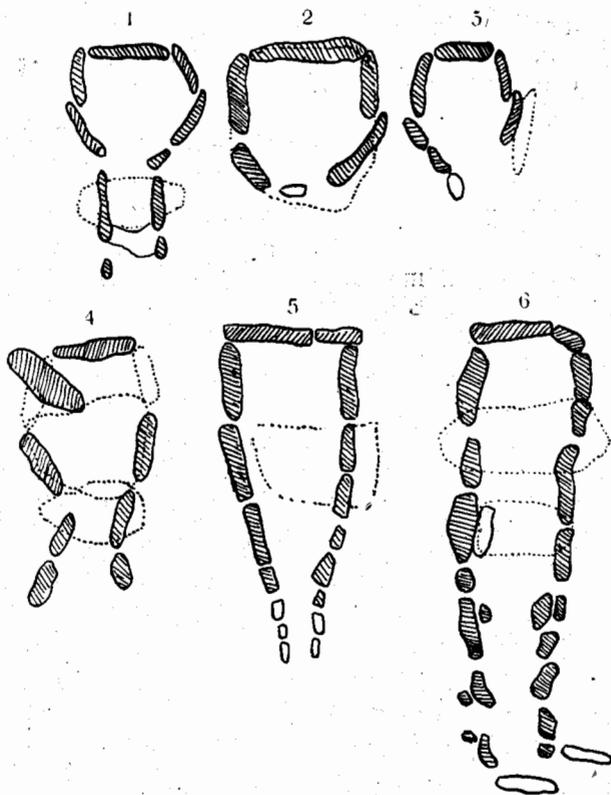


Fig. 9 — *Sepulcros de corredor e galerias cobertas da Catalunha (Espanha)*

1, Font del Roure (Espolla); 2, Gutina (Sant Climent Sasebas); 3, Arreganyats (Espolla); 4, Cabana Arqueta (Espolla); 5, Mas bou Serenys (Santa Cristina d'Aro); 6, Cova d'en Daina (Romaña de la Selva).

(De Pericot)

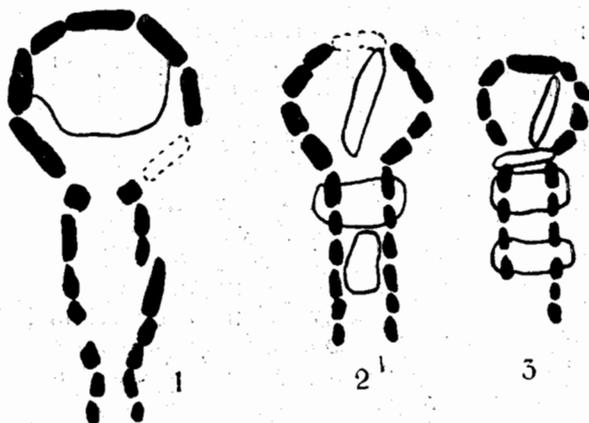


Fig. 10 – *Dólmenes de corredor de Pavia (Alentejo-Portugal)*

- 1, Dólmen de Aviz; 2, Anta da Herdade da Casa Branca;
3, Anta da Herdade de Briços.

(De V. Correia)

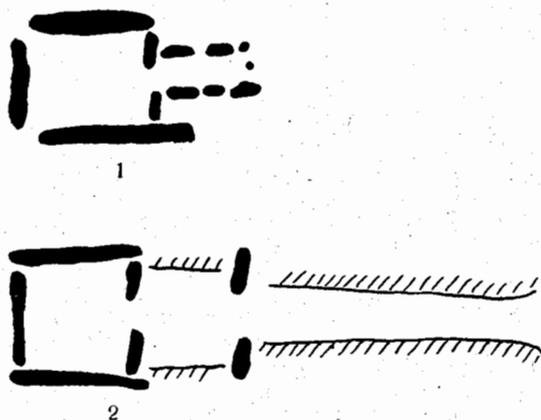


Fig. 11 – *Sepulcros megalíticos do Sul da França*

- 1, St. Vallier (Var); 2, Lamalou (Hérault)

não permitem o estabelecimento de uma tipologia rigorosa. Contudo, em Espanha (Fig. 9), Font del Roure (Espolla) deverá presumivelmente ser incluído no grupo de sepulcros da classe inicial ou primária; Cabana Arqueta (Espolla) parece constituir a ruína de outro da mesma classe, ao passo que Gutina (Sant Climent Sasebas) e Arreganyats (Espolla) são dólmenes do chamado tipo-B, da classificação estabelecida por um dos autores deste estudo (1). Por outro lado, Cova d'en Daina (Romaña de la Selva) e Mas bou Serenys (Santa Cristina d'Aro) parecem uma evolução local dos sepulcros de corredor em forma de V. (2).

Quanto aos do sul da França, estão localizados numa área triangular da região mediterrânea, desde o Rossilhão até à Provença, através do Languedoc; Collorgues, perto de Uzès, St. Vallier (Var) e Lamalou (Hérault) constituem bons exemplares (Fig. 11). Destes monumentos da França meridional, é provável que apenas muito poucos possam ser integrados na categoria dos sepulcros de corredor primários (3).

(1) Usamos aqui a expressão «dólmen do tipo B» ou «dólmen-B» de harmonia com a designação adoptada por Daniel, em «Dual», 3-4. O dólmen-B é uma simples câmara poligonal, o dólmen-A uma câmara rectangular. Estes termos são abreviaturas de mero carácter descritivo (vide Fig. 2).

(2) Vide descrições e plantas destes monumentos em M. Cazorro, *Los Monumentos Megalíticos de la Provincia de Gerona*, Madrid, 1912, e em L. Pericot y Garcia, *La Civilización Megalítica Catalana y la Cultura Pirenaica*, 1925.

(3) Estes sepulcros de corredor do sul da França foram classificados como «pseudo sepulcros de corredor» por Daniel, 1941, 16, 30, e fig. 9; actualmente, porém, parece que devem ser integrados na categoria dos sepulcros de corredor normais. Informação do Professor Piggott; ver também Arnal, «Nouveaux Megalithes en Languedoc», *Revue d'Etudes Ligures*, 1948, 104-111; Arnal e Martin-Granel, «Influencia Ibérica en el sur de Francia durante la época de los dólmenes», *Crónica del IV Congreso Arqueológico del Sudeste Español* (Cartagena, 1949); e M. Louis, *Préhistoire du Languedoc Méditerranéen et du Roussillon*, (1948), 72-80.

3) O Grupo do ocidente da França, ou Grupo da Biscaia, que se estende ao longo da costa, desde Finisterra, ao norte, até à Charente marítima, apresentando a maior densidade no Morbihan, entre Quiberon e Port Navalo.

4) Um pequeno grupo, nas imediações das costas do Golfo de St. Malo, abrangendo o nordeste da Bretanha, a Normandia e as Ilhas Normandas.

Do estudo da distribuição geral destes sepulcros de corredor ressalta uma importante característica, que convém fixar: os sepulcros de corredor tendem a aparecer agrupados, formando necrópoles. A mais evidente confirmação deste facto encontrámo-la, sem dúvida alguma, nos agrupamentos de Los Millares, Alcalar e Palmela, mas a verdade é que um tal fenómeno constitui mais uma regra geral, do que uma excepção. Tanto Alcaide, Carenque e Alapraia, como Pavia ⁽¹⁾ (Fig. 10), são necrópoles de sepulcros de corredor. Existe igualmente, no Morbihan, uma grande necrópole destes sepulcros, perto de Carnac, outra em Locmariaquer, como idênticas se encontram na Dinamarca. Outro facto importante que se nota é o do relacionamento, que parece existir tanto em França como na Península Ibérica, entre os sepulcros de corredor e as regiões metalíferas. Conforme Siret foi o primeiro a observar, os sepulcros de Los Millares estão localizados precisamente nas áreas produtoras de cobre do Sudeste de Espanha; igualmente Estácio da Veiga apontou a proximidade dos sepulcros de corredor algarvios dos jazigos de cobre e das antigas explorações mineiras ali existentes. Nos tempos pré-históricos foi o cobre explorado no Hérault, e não repugna admitir, conforme tem sido também sugerido, que a introdução dos sepulcros de corredor naquela província estivesse relacionada com essa exploração ⁽²⁾. Por diversas vezes se tem afirmado que a expansão dos constru-

(1) Vergílio Correia, *El Neolítico de Pavia*, Madrid, 1921.

(2) *L'Anthropologie*, 22 (1911), 413.

tutores dos sepulcros de corredor, desde a Ibéria à Bretanha, andou ligada à presença do oiro, do estanho e da calaíte no Morbihan, e ainda recentemente, o Comandante Houssemaine, conquanto negasse a existência, na Bretanha, da calaíte no estado natural, acentuou que a abundância de sepulcros colectivos ali erguidos teria sido devida « au commerce d'exportation de l'étain » (1). Há muitos anos já que Perry e Elliott Smith defenderam a tese de que a distribuição de todos os sepulcros megalíticos era explicável pela localização correspondente dos jazigos metalíferos. Em nossa opinião, esta afirmativa, assim generalizada, é evidentemente inexacta; mas, apesar disso, parece-nos actualmente que alguma realidade deve ter, pelo menos em parte.

A distribuição dos sepulcros de corredor nas Ilhas Britânicas foi descrita e representada em mapas esquemáticos por Childe, com relação à Escócia (2), por Powell, para a Irlanda (3), e por Grimes (4), e Daniel (5), com respeito ao País de Gales. O mapa que acompanha o presente estudo (Fig. 8) foi elaborado com base nesses trabalhos anteriores, exceptuando algumas pequenas alterações agora aqui introduzidas, relativamente à Irlanda. Distinguimos neste mapa os sepulcros de corredor considerados do tipo inicial ou *primário*, isto é, os que devem ser interpretados como imitações directas dos sepulcros ibéricos ou bretões, e os do tipo evolucionado ou *secundário*, que revelam características próprias das zonas locais situadas na periferia dos primeiros, quer na Grã-Bretanha, quer na Irlanda (6). Na cate-

(1) *Bull. de la Soc. Poly. Morb.*, 1940, 38; ver igualmente *ibid.*, 1939, 3 ss.

(2) *Prehistory of Scotland*, cap. III e mapa I.

(3) Powell, « The Passage Graves of Ireland », *Proc. Preh. Soc.*, 1928, 239 ss.

(4) Grimes, *Proc. Preh. Soc.*, 1936, 129.

(5) Daniel, 1950, 54-64.

(6) O único mapa geral dos sepulcros de corredor britânicos que os autores conhecem é o de Childe, em *Trans. Glasgow Arch. Soc.*, 1947, 9. Há também outros mapas contendo

goria dos sepulcros mais antigos incluímos assim os monumentos de falsa cúpula, tais como os de Tibradden e Balnuaran de Clava East e West, e os sepulcros megalíticos, como o de Bryn Celli Ddu. Na mesma categoria considerámos os sepulcros de corredor contendo uma ou, no máximo, duas pequenas câmaras laterais, anexas à câmara principal, como nos monumentos de Alcalar ou de Los Millares (Figs. 4 e 6). Os monumentos da categoria dos de New Grange (Irlanda) e Maes Howe (Ilhas Órcades), apesar de grandiosos, devem ser integrados no grupo dos secundários ou regionais, em face das características específicas locais do seu traçado. Acrescentaremos, porém, que esta inclusão de New Grange e Maes Howe na classe dos monumentos secundários não significa de modo algum que eles pertencessem já a um período de decadência. Tanto nas Ilhas Britânicas, como na Bretanha e na Dinamarca, as próprias variantes locais do sepulcro de corredor básico destacam-se por vezes entre os mais notáveis monumentos; e quer New Grange, quer Maes Howe figuram, sem dúvida alguma, entre as mais importantes realizações de toda a tradição arquitectural das câmaras sepulcrais pré-históricas.

Começando pela análise dos exemplares irlandeses (Fig. 12), verifica-se, em cada um dos quatro núcleos situados na costa oriental, a existência de um ou dois sepulcros que podem ser classificados como primários. Morfológicamente pertencem à família ibérica, e tudo nos leva a crer que tais monumentos sejam dos sepulcros mais antigos da região, edificados pelas primeiras gerações de colonizadores que ali se estabeleceram. Não queremos com isto dizer que estas quatro zonas da costa oriental fossem simultaneamente ocupadas; mas, ainda que sucessivamente tivessem sido exploradas, todos esses monumentos devem pertencer à fase inicial da colonização, representando portanto a ocupação primitiva da Irlanda

a indicação de alguns sepulcros de corredor, como os de M. Davies, *Ant. J.*, 1945, 133, e *id.*, 1946, 133, e o de Childe, *Prehistoric Communities of the British Isles*, 48.

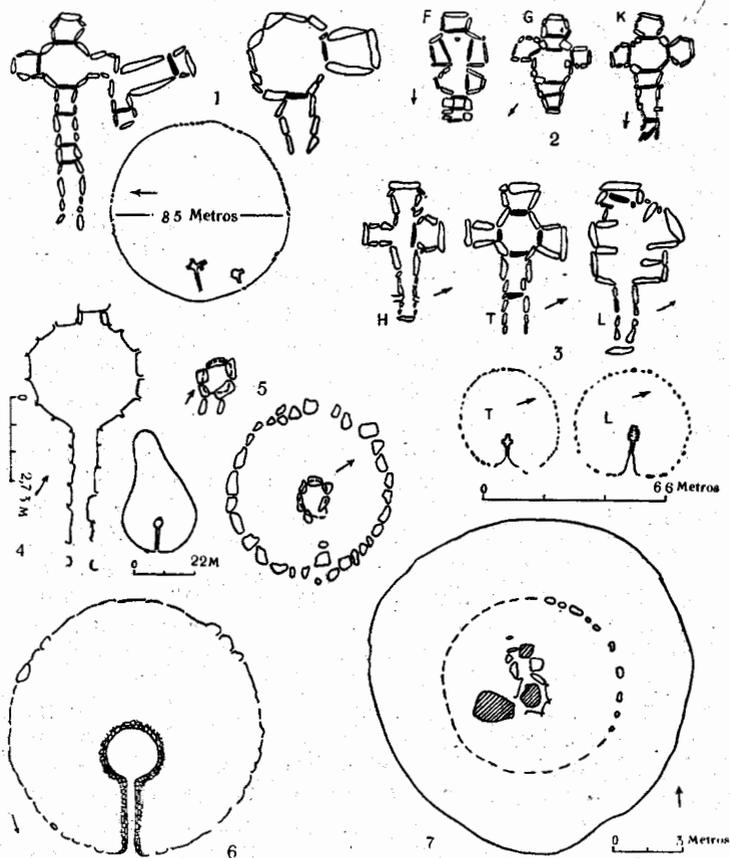


Fig. 12—*Sepulcros de corredor irlandeses*

1, Dowth; 2, Carrowkeel (carns F, G, H); 3, Lochcrew (carns H, T, L);
4, Slieve Gullion; 5, Carrowmore (câmaras 52 e 7); 6, Tibbradden;
7, Fair Head.

(Nas plantas que não têm a indicação da escala gráfica,
cada centímetro equivale a 5 metros)

pelos construtores de sepulcros de corredor. As ramificações dos agrupamentos de carácter local, quanto à sua distribuição e formas dos sepulcros, não interessam de um modo imediato ao presente estudo, sendo porém particularmente curioso observar que as concentrações da costa oriental, incluindo os exemplares primários directamente derivados dos protótipos ibéricos, variam consideravelmente, quanto à sua situação e ambiente. Tibradden e os outros monumentos funerários de Dublin encontram-se localizados a grande altura, dispostos ao longo de um maciço montanhoso, enquanto que os sepulcros de Dowth e os seus vizinhos de Brugh-na-Boinne aparecem apenas em sítios mais ou menos elevados de um terraço aluvial. O grupo de Armagh, incluindo Slieve Gullion, ocupa também altos cumes, à semelhança, sob este aspecto, do que sucede com o grupo de Dublin, mas diferentemente quanto à sua localização topográfica particular. Os sepulcros de North Antrim estão situados, na sua maioria, em terrenos altos e agrestes, culminando rochas alcantiladas que dominam uma das mais difíceis entradas marítimas que circundam estas ilhas.

Os diversos agrupamentos da costa oriental não apresentam quaisquer características comuns em relação ao ambiente, a não ser estarem todos nas proximidades do mar; e, como a situação dos sepulcros deve depender do estabelecimento local dos seus construtores, é evidente que as razões que determinaram a escolha destes pontos de entrada, ou de acesso à região, não podem ter ligação imediata com qualquer factor específico de ambiente relacionado com a agricultura ou com o pastoreio. Por analogia com as actividades dos construtores de sepulcros do sul da Península Ibérica, também a distribuição das áreas que nós considerámos de ocupação primária pode igualmente explicar-se neste caso em função de interesses de carácter industrial, sendo, portanto, útil confrontar a localização destes sepulcros de corredor com a distribuição e localização, absolutamente regulares, da grande maioria das câmaras funerárias pré-históricas da classe das galerias cobertas com túmulo comprido (*gallery-grave elon-*

gated barrow), onde as características do ambiente, sob o ponto de vista da agricultura primitiva e do pastoreio, influíram nitidamente como factor de principal interesse (1). Ao contrário das galerias cobertas, especialmente das pertencentes aos Grupos de

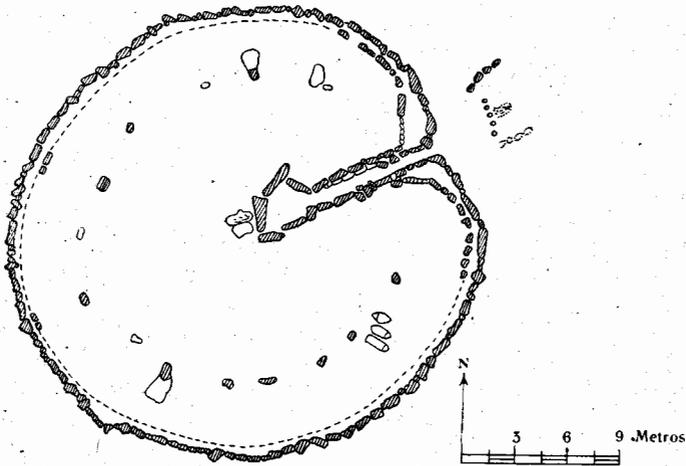


Fig. 13 — Sepulcro de corredor de Bryn Celli Ddu
(Grupo de Anglesey)

(De Hemp)

Carlingford e Clyde, os sepulcros de corredor aparecem com frequência reunidos em necrópoles. Este facto é revelador, em nossa opinião, de uma forma de organização social mais perfeita do que a constituída dentro de uma simples unidade agrícola inde-

(1) G. Fabre afirma (*Gallia*, 1946, 1 ss.) que a distribuição e localização das galerias cobertas e dos dólmenes-A do sudoeste da França revelam uma população essencialmente pastoril. Sobre esta questão do meio ambiente em relação com a ocupação do território pelos construtores dos sepulcros megalíticos, vide Evans e Gaffikin, *Irish Naturalists Journal*, V, (1935), 7 ss.; E. Watson, *Ulster Journal of Archaeology* (1945), 80, 90; R. Valera in O'Riordain, *Proc. Preh. Soc.*, 1946, 152; Daniel, *Proc. Preh. Soc.*, 1937, 77.

pendente, além de que os próprios sepulcros nos sugerem assim um fundo mais completo de ritual e de prestígio (1).

Na parte oriental do Mar da Irlanda, existem, no noroeste do País de Gales, dois sepulcros de corredor que, segundo julgamos, devem ser classificados como pertencentes à classe primária: são eles Bryn Celli Ddu, na Ilha de Anglesey (Fig. 13), e Ystum Cegid Isaf, em Carnarvonshire. Barclodiad-y-Gawres, igualmente em Anglesey, parece ser um sepulcro cruciforme em ruínas, e devemos considerá-lo um exemplar do tipo secundário irlandês de sepulcros de corredor. Existem mais três lugares em Anglesey, ou sejam — Ty Newydd, Presaddfed e Plas Newydd onde os respectivos sepulcros, apesar de reduzidos hoje às câmaras poligonais, devem ser classificados quase com absoluta segurança, como sepulcros de corredor em ruínas; e de igual modo as duas câmaras poligonais de Burton e Longhouse, em Pembrokeshire (2). Estes exemplares do ocidente do País de Gales, que Daniel classificou, noutro lugar, de «Grupo de Anglesey», tanto podem representar uma colonização directamente proveniente da Bretanha ou da Ibéria, como, e com mais probabilidades, uma expansão dos sepulcros de corredor irlandeses através do Mar da Irlanda (3).

Como afirmou Megaw, «seria extraordinário não se encontrarem vestígios dos construtores de sepulcros de corredor na Ilha de Man, visto ela estar situada num ponto central entre as zonas dos sepulcros da Inglaterra, Escócia, Irlanda e País de Gales» (4); mas, apesar disso, a verdade é que, entre

(1) Vem a propósito recordar aqui que os construtores dos sepulcros de corredor do sul da Península Ibérica já viviam, sem dúvida, agrupados em pequenos povoados calcolíticos.

(2) Grimes (*Proc. Preh. Soc.*, 1936, 129) também classificaria como sepulcro de corredor a mais setentrional das quatro câmaras funerárias de Marros, Carmarthenshire.

(3) Para uma relação completa do Grupo de Anglesey, vide Daniel, 1950, 54 ss.

(4) *Proc. Isle of Man Nat. Hist. and Ant. Soc.*, Nova Sér. 4, 224.

os monumentos da Ilha de Man, não existe um único que indiscutivelmente possa classificar-se como sepulcro de corredor. Barnwell pôs a hipótese de o Giant's Grave, de Kew, ter sido primitivamente um sepulcro de corredor, e como tal foi descrito por Kermodé e Herdman (1), e por Fleure e Neely (2); mas, actualmente, os restos desse monumento são já tão insignificantes, que tanto os podemos considerar vestígios de uma galeria coberta, como de um sepulcro de corredor. A mamoa de Ballaterston, na paróquia de Maughold, explorada no começo deste século pelo Rev.º S. N. Harrison, pode ser que abrigue um sepulcro de corredor, mas a sua descrição é de tal modo obscura que se tornaria indispensável proceder a um novo exame para nos podermos pronunciar sobre a verdadeira natureza desse monumento. Megaw chamou a atenção para uma quantidade de grandes mamoaas redondas situadas no alto de uns montes na parte ocidental desta Ilha de Man, e a verdade é que esses túmulos, tais como os de Slieau Curn, South Barrule e Cronk-ny-Irrea Laa, assemelham-se, pelo seu aspecto e situação, às mamoaas, também redondas e contendo sepulcros de corredor, da Irlanda oriental; mas, por outro lado, também podem ser simplesmente mamoaas de um período mais tardio, pertencentes a uma tradição de sepulcros sem câmara. Em Corvalley, igualmente na Ilha de Man, existe uma grande mamoa redonda muito semelhante às dos referidos lugares da parte ocidental, mas parece conter apenas uma grande cista, ou câmara fechada (3).

Tanto na Inglaterra, como no País de Gales há um certo número de lugares, além daqueles a que já aludimos, cujos sepulcros têm sido classificados como do tipo de corredor. Nesta classificação estão incluídos Tyddyn Bleiddyn, em Denbighshire, Minin-glow, em Derbyshire, e West Kennet, em Wiltshire,

(1) *Manks Antiquities* (1914), 33.

(2) *Ant. J.*, 1936, 376.

(3) Poderá, contudo, esta mamoa conter outras câmaras além da actualmente descoberta.

e de igual modo têm sido considerados por diversos arqueólogos os monumentos que Daniel descreveu como galerias cobertas, com câmaras laterais formando um transepto (*transepted gallery-graves*), do Grupo de Cotswold-Severn (Fig. 14). Mas, desde já devemos acentuar, de harmonia com a interpretação aqui dada à expressão «sepulcros de corredor da Europa Ocidental», que aqueles monumentos não estão dentro desta categoria; e, ainda mesmo que se tratasse de sepulcros de corredor da classe secundária, isto é, de formas evolucionadas locais comparáveis às do norte da Escócia, tal facto em nada influiria nos resultados deste nosso estudo, cuja finalidade é apenas, como se disse, estabelecer a cronologia de determinados monumentos das Ilhas Britânicas, que nós consideramos pertencentes à classe dos mais antigos sepulcros de corredor da Europa Ocidental.

Na Escócia, a distribuição dos sepulcros de corredor apresenta-nos por sua vez um panorama totalmente diverso do da Irlanda e do sul da Inglaterra, onde encontrámos ocupação primitiva do território dos dois lados do Mar da Irlanda. O único grupo escocês de sepulcros de corredor da Europa Ocidental, que poderemos classificar indiscutivelmente como primário, encontra-se, não a ocidente ou a sudoeste, onde seriam de esperar vestígios de uma expansão partindo do Mar da Irlanda para o norte, mas sim na região nordeste, onde, a um núcleo de lugares situados num raio de 30 milhas em redor de Inverness tem sido dadas as designações de Grupo de Clava, de Beaully ou de Moray (1). Esses trinta e tal lugares, situados nos vales de Strath Spey, Nairn, Ness e Beaully, contêm diversos sepulcros de corredor típicos da Europa Ocidental, tais como Balnuaran de

(1) Childe usou a designação de «Grupo de Beaully», na sua obra *Prehistoric Communities of the British Isles* (1940), 74, mas presentemente preferiu chamar-lhe «Grupo de Clava» (*Proc. Soc. Ant. Scot.*, LXXVIII, 1943-4, 26). Daniel, adoptou a designação de «Grupo de Moray» em 1941 (p. 17), parecendo porém preferível empregar agora a expressão de Grupo de Clava ou de Clava-Avielochan.

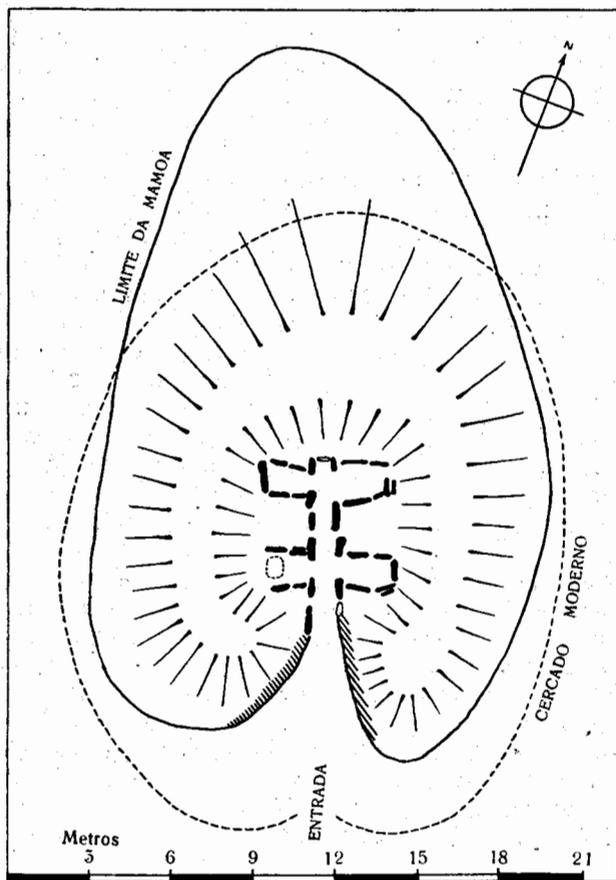


Fig. 14 — Uma galeria coberta típica, com transeptos, do grupo de Cotswold-Severn: Parc le Breos Cwm.

Clava West, Balnuaran de Clava East e Avielochan, parecendo alguns deles monumentos arruinados desse tipo, tais como os de Croftcroy, Leys e Kinchyle de Dores, outros de estrutura especial, consistindo aparentemente numa câmara redonda e fechada. Como exemplares deste último tipo podemos considerar Clava Middle, Daviot e Culdoich. Estas câmaras circulares têm sido geralmente consideradas uma evolução local dos sepulcros primários de corredor de Clava, mas deve notar-se, a propósito, que elas apresentam uma extraordinária semelhança com algumas das câmaras circulares fechadas de Almeria, recentemente publicadas pelos Leisner (1). Todos os monumentos do Grupo Clava-Avielochan estão cobertos de mamoas redondas (2) (Fig. 15). Enquanto se não proceder ao levantamento de uma planta actualizada, que abranja todos os lugares deste grupo, e se não escavar pelo menos um dos sepulcros de corredor e uma das câmaras fechadas, será difícil afirmar qualquer coisa de preciso a este respeito. Tipologicamente, os sepulcros de corredor de Clava-Avielochan são considerados dos exemplares britânicos mais antigos, e directamente comparáveis aos de Tibadden; mas, que afinidades poderão existir entre eles e outros tipos de sepulcros, tais como os de corredor da Irlanda oriental? Que não podem constituir uma expansão dos sepulcros de Pentland, ainda há pouco Childe o demonstrou ao organizar o mapa das variedades de câmaras funerárias localizadas em volta do Golfo de Moray (3). Da distribuição do Grupo Clava-Avielochan poderia talvez inferir-se uma penetração pelo Golfo de Moray, representando estes sepulcros um movimento directo da Ibéria ou da Bretanha, subindo o Canal da Mancha, e navegando ao longo das costas orientais da Inglaterra e da Es-

(1) *Op. cit.*, est. 1-7.

(2) Relativamente às plantas e descrições dos lugares de Clava-Avielochan, vide *Proc. Soc. Ant. Scot.*, XVIII (1883-4), 328-62, 40 (1905-6), 240 ss., e 44 (1909-10), 189 ss.

(3) *Proc. Soc. Ant. Scot.*, LXXVIII (1943-4), 26 ss.

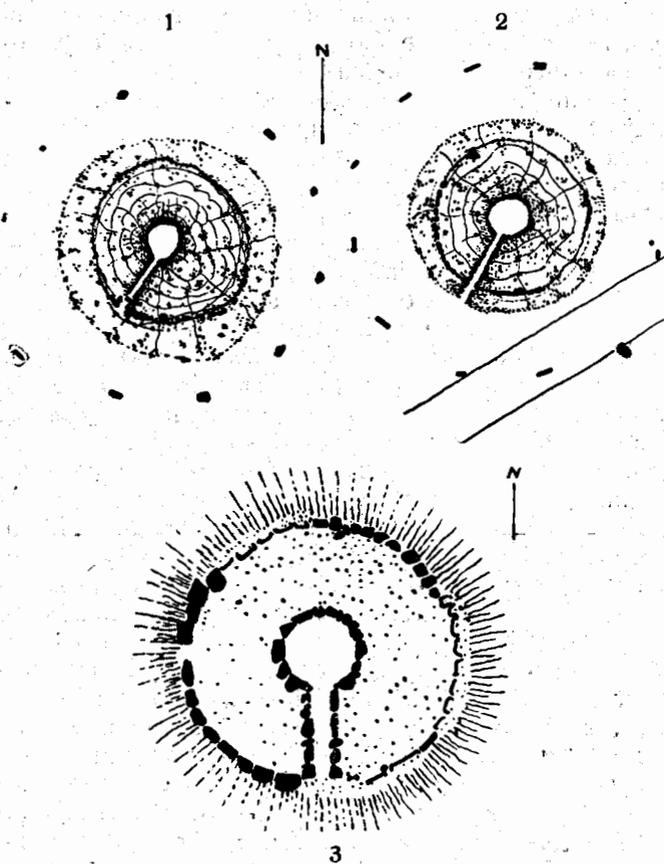


Fig. 15 — *Sepulcros do Grupo de Clava-Avielochan (Escócia)*

1, Clava North-east (Esc. 1/800); 2, Clava South-west (Esc. 1/750);

3, Avielochan (Esc. 1/300).

cócia (1). Porém, as deduções colhidas do simples estudo de uma distribuição, podem, no caso presente, conduzir a resultados falsos, porque, em face da grande quantidade de objectos metálicos primitivos e de moldes de fundição encontrados na área do Golfo de Moray, é muito natural que os sepulcros de Clava-Avielochan tivessem sido construídos por um povo que escolheu aquela região devido às possibilidades que ela oferecia no campo industrial, sendo iguais as probabilidades de o caminho seguido por esse povo ter sido o do Mar da Irlanda e do Great Glen, ou qualquer outro. É inútil, portanto, tentar chegar a uma conclusão, argumentando com a existência de colonizações primitivas e de sepulcros no sudoeste da Escócia ou no Great Glen (2). Deixemos, por enquanto, este problema em suspenso, contentando-nos, para já, em verificar a existência na região de Golfo de Moray deste importante grupo de sepulcros de corredor da classe primária.

Além dos sepulcros de Clava-Avielochan, as únicas câmaras funerárias pré-históricas que, no sul e no sudoeste da Escócia, podemos classificar como sepulcros de corredor são as de White Cairn, Bargrennan, Minnigaff, em Kirkcudbrightshire (3), as ruínas de um provável sepulcro da mesma natureza, na ilha de Colonsay, há pouco descritas pelo Professor e por Mrs. Piggott (4), vários sítios em Loch Etive, de-

(1) Esta hipótese não é tão pouco provável como à primeira vista poderá parecer. Os sepulcros de corredor dinamarqueses são, de um modo geral, considerados actualmente como derivados dos da Ibéria ou da Bretanha; e do Estreito de Dover à Jutlândia a distância é aproximadamente a mesma que do Estreito ao Golfo de Moray. Por toda a Europa, a distribuição dos sepulcros de corredor traduz essencialmente uma colonização de lugares preferidos.

(2) O Professor e Mrs. Piggott (*Proc. Soc. Ant. Scot.*, LXXX, 1945-6, 83-4 e 93-7) optavam pelo caminho do Golfo de Lorne—Great Glen.

(3) *R. C. A. M. Scotland, Kirkcudbright Inventory*, n.º 350 (fig. 139, p. 187). Este túmulo foi explorado em 1949 pelo Professor Piggott e T. G. E. Powell.

(4) *Proc. Soc. Ant. Scot.*, LXXX (1945-6), 83-4 e 93-7. O monumento de Dunan-na-Nighean, como a escavação mostrou, não é um sepulcro de câmara.

signadamente Achnacree, talvez Achnacreebeag, e possivelmente ainda mais um ou dois lugares (1).

Todavia, com relação a Achnacree, já nos afastamos do tipo primário de sepulcros de corredor para o tipo de sepulcros a cujo grupo demos o nome de «Província das câmaras funerárias do Norte da Escócia». Nesta província ou grupo de sepulcros, incluímos as câmaras funerárias da Ilha de Skye, das Ilhas Hébridas, de Sutherland, Caithness, das Ilhas Órcades e das Shetland; mas, no mapa junto (Fig. 8), não salientámos qualquer distinção, dentro deste agrupamento, entre tipos primários e secundários, como também não nos propuzemos desenvolver no nosso estudo uma análise em detalhe desta ordem de sepulcros, a maioria dos quais consideramos como pertencentes à classe secundária, constituindo, nas Ilhas Britânicas, simples evoluções de carácter local. Em tempos, Childe apontou as afinidades ibéricas e do Mediterrâneo ocidental dos sepulcros de Caithness, os quais ele manifestava tendências para incluir entre as mais antigas câmaras funerárias das Ilhas Britânicas (2); hoje, porém, já «não continua defendendo a prioridade dos sepulcros de corredor escoceses sobre os da Inglaterra ou da Irlanda» (3). Nessa extensa zona com cerca de 200 câmaras funerárias (4) não encontramos um único exemplar que seguramente permita estabelecer um paralelo exacto com os da Ibéria ou da Bretanha. Quanto a nós,

(1) Com relação a Loch Etive, vide *Proc. Soc. Ant. Scot.*, IX (1870-2), 409 ss., LXI (1926-7), 226, e LVII (1932-3), onde M. E. C. Mitchell descreve várias mamoadas redondas, que, se contiverem câmara, poderão, juntamente com os outros monumentos já conhecidos, constituir uma necrópole de sepulcros de corredor.

(2) *Trans. Glasgow Arch. Soc.*, Nova Série, 8, 129, e *Anuario del Cuerpo Facultativo de Arch., Bibl. y Arch.*, vol. I, Madrid, 1934, 205.

(3) *Trans. Glasgow Arch. Soc.*, Nova Sér., II (1947), 7, nota 2.

(4) O número delas, aproximadamente, segundo os *R. C. A. M. Inventories* e segundo Childe, é: em Skye e Ilhas Hébridas, 39; em Sutherland, 28; em Caithness, 43; nas Órcades, 48; e nas Shetland, 24.

a única explicação plausível acerca das câmaras funerárias daquela província do norte da Escócia é a de que elas representam um notável florescimento local das tradições dessas câmaras, nesta *Ultima Thule* da Europa pré-histórica. Dentro deste conceito, vemos que os sepulcros daquele grupo se integram essencialmente na tradição arquitectural dos sepulcros de corredor, mas, apesar disso, apresentam sempre qualquer diferenciação que os separa do padrão clássico primário; na sua maioria, dificilmente estes sepulcros podem ser aproximados dos sepulcros de corredor do tipo dos de Tibbradden, Balnuaran de Clava West ou East, e Bryn Celli Ddu (1). Mas é um facto que os construtores dos sepulcros de corredor se expandiram até à região do Norte da Escócia, podendo afirmar-se, quase com absoluta certeza, que partiram dos seus primitivos locais de estabelecimento situados nas duas costas do Mar da Irlanda. Na verdade, o grupo Maes Howe — Wideford Hill — Cuween, na Ilha principal das Órcades, poderá talvez ser considerado uma necrópole de sepulcros de corredor (2).

(1) Childe chamou a atenção (*Trans. Glasgow Arch. Soc.*, Nova Sér., XI, 1947, 10) para uma pedra da Ilha Eday, contendo espirais gravadas, no estilo das espirais de New Grange (Vide Fig. 25), a qual em tempos havia sido descrita como procedente de uma «earth house», mas presentemente foi considerada por Calder como pertencendo, com outras, a uma câmara funerária (vide *Proc. Soc. Ant. Scot.*, IV, 1860-2, 185-6, e *R. C. A. M. Orkney Inventory*, n.º 225). Pode na verdade essa pedra ter feito parte de um sepulcro de corredor, mas evidentemente que as espirais, por si só, não assinalam sepulcros. A pedra de Ballarragh, Kirk Lonan, na Ilha de Man, tem igualmente insculpidas espirais de estilo idêntico ao dos sepulcros de corredor (Megaw, *op. cit.*, 225), e Margaret Davies classificou também as aludidas pedras referidas por Calder como restos de um sepulcro de corredor, baseada apenas nas gravuras ali contidas (*Ant. J.*, 1945, 130). Ora, do mesmo modo, nas cistas aparecem espirais, como, por exemplo, na tampa de uma delas, de Carnwath, da época do vaso campaniforme. Toda esta questão foi recentemente tratada por MacWhite (*Journ. Roy. Soc. Ant. Ireland*, LXXVI, 1946, 59-80).

(2) Um túmulo de St. Kilda tem sido considerado como sepulcro de corredor (Boyle Somerville, *J. R. A. I.*, LII, 1912, 25-52; *Reliquary*, XI, 32; M. Davies). Esta construção, porém,

É do mesmo modo evidente que os construtores das galerias cobertas dos grupos de Clyde-Carlingford (Fig. 16) penetraram também naquela zona, representando assim os sepulcros do Norte da Escócia quer uma, quer outra dessas duas tradições de câmaras funerárias, diferenciadas conforme a região, ou constituindo a resultante da fusão, em maior ou menor escala, das duas modalidades (1). Por vezes, é interessante acompanhar os elementos dessa fusão: assim, por exemplo, Vementry, nas Ilhas Shetland, parece ser um sepulcro de corredor mais ou menos normal, coberto por uma mamoa redonda, incorporada, por sua vez, noutra pequena mamoa do tipo alongado, com o feitiço de um tacão de bota (*heel-shaped long barrow*), enquanto que Ormiegill e Garrywhin, em Caithness, parecem sepulcros de corredor sob mamoas redondas, com pedras transversais constituindo septos, e todo este conjunto incluído numa mamoa quadrangular com dois prolongamentos semelhantes a uns cornos (Fig. 16, n. 4) na parte anterior (*double horned square barrow*), formando uma espécie de átrio (*forecourt*). Não interessa, porém, verdadeiramente, nem utilidade alguma apresenta para a finalidade imediata deste nosso estudo, tentarmos classificar os tipos iniciais da região do Norte da Escócia. Tornam-se indispensáveis muitos trabalhos de campo e novas escavações para haver possibilidades de se estabelecer uma cronologia relativa desses variados tipos de sepulcros. O que presentemente nos interessa, como se disse, é a fixação da data dos monumentos que definimos como sepulcros de corredor primitivos,

é presentemente interpretada, com maior probabilidade, como uma « earth house » (*R. C. A. M., Inventory Hebrides*, n.º 158, p. 46-7 e figs. 74 e 75; J. Mathieson, *Proc. Soc. Ant. Scot.*, 1927-8, 123 ss.).

(1) O grau de fusão dessas duas tradições em qualquer dos monumentos da Província da Escócia do Norte tem constituído sempre um motivo de controvérsia. Sobre os diferentes pontos de vista acerca da classificação de Cletraval, vide: Childe (*Prehistory of Scotland*, 41), Daniel (1941, 44), Hawkes (*Prehistoric Foundations of Europe*, 192), Lindsay Scott (*Antiquity*, 1942, 303) e Piggott (*Proc. Soc. Ant. Scot.*, LXXX, 1945-6, 96).

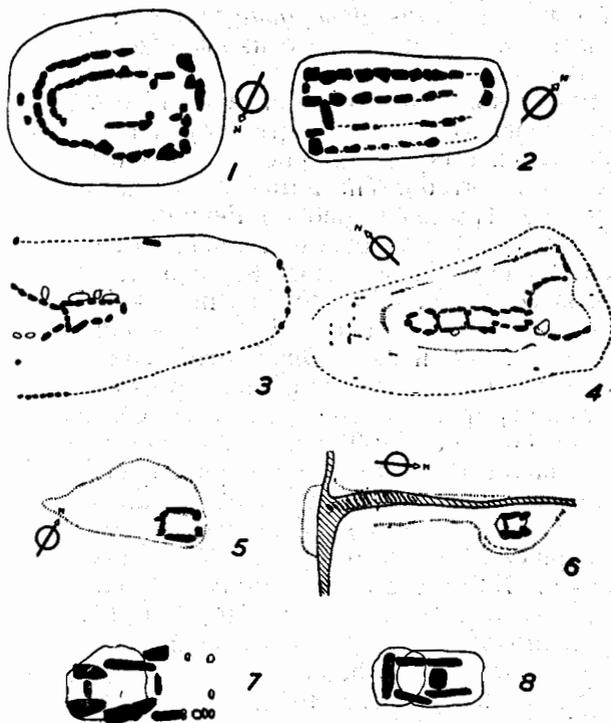


Fig. 16 — *Sepulcros do Grupo de Carlingford (Irlanda)*

1, Cloghnagalla (Boviel, Londonderry ; 2, Dunteige (C.º Antrim);
 3, Balix (White Rocks); 4, Browndod (C.º Antrim); 5, Clontygora
 Small Cairn; 6, Killfeaghan; 7, Brenanstown (C.º Dublin);
 8, Knockeen (C.º Waterford).

(Escala: n.º 1 e 2, 1/400; n.º 3, 1/600; n.º 4, 1/750; e n.º 6, 1/900)

ou primários, das Ilhas Britânicas; se conseguirmos estabelecer essa data, teremos conseqüentemente obtido um *terminus post quem* para os sepulcros do Norte da Escócia, que constituem derivantes locais daqueles.

Existe ainda no nosso mapa da distribuição geral dos sepulcros um último grupo de câmaras ao qual devemos fazer breve referência. É o Grupo de sepulcros de corredor em forma de V, das Ilhas de Scilly (Fig. 17), da região de Penwith no sudoeste de Cornwall, e do sudeste da Irlanda, no Condado de Waterford (1). Estes sepulcros, cobertos por suas mamoas redondas, pertencem às mesmas séries dos sepulcros de corredor em V da Catalunha, Bretanha, Ilhas Normandas e Dinamarca. São sepulcros de corredor da classe secundária, e posto que, teoricamente, seja possível considerar estas câmaras funerárias do Grupo Scilly-Tramore como derivadas, quer dos sepulcros de corredor de Boyne, quer das Ilhas Normandas, todas as provas de que dispomos nos levam a supor que elas constituem uma derivante dos sepulcros de corredor em V do ocidente da Bretanha. Não representam, por conseqüência, esses exemplares elementos de especial valor para o estabelecimento da cronologia dos sepulcros de corredor primários das Ilhas Britânicas.

Em resultado desta análise, chega-se à conclusão de que os sepulcros de corredor iniciais ou primários das Ilhas Britânicas se encontram localizados nas costas leste e nordeste da Irlanda, na costa ocidental do País de Gales e nas vizinhanças de Inverness, ao passo que os sepulcros evolucionados ou secundários estão distribuídos nas proximidades imediatas destas zonas culturais primitivas, e ainda em mais três áreas de evolução local, ou seja, na parte norte da Irlanda central, no norte da Escócia e na área de Scilly-Tramore.

Confrontando a distribuição na Irlanda dos sepulcros de corredor primitivos com o mapa de Grenville

(1) Grupo de Tramore, de Powell (vide *Proc. Preh. Soc.*, 1941, 143-3).

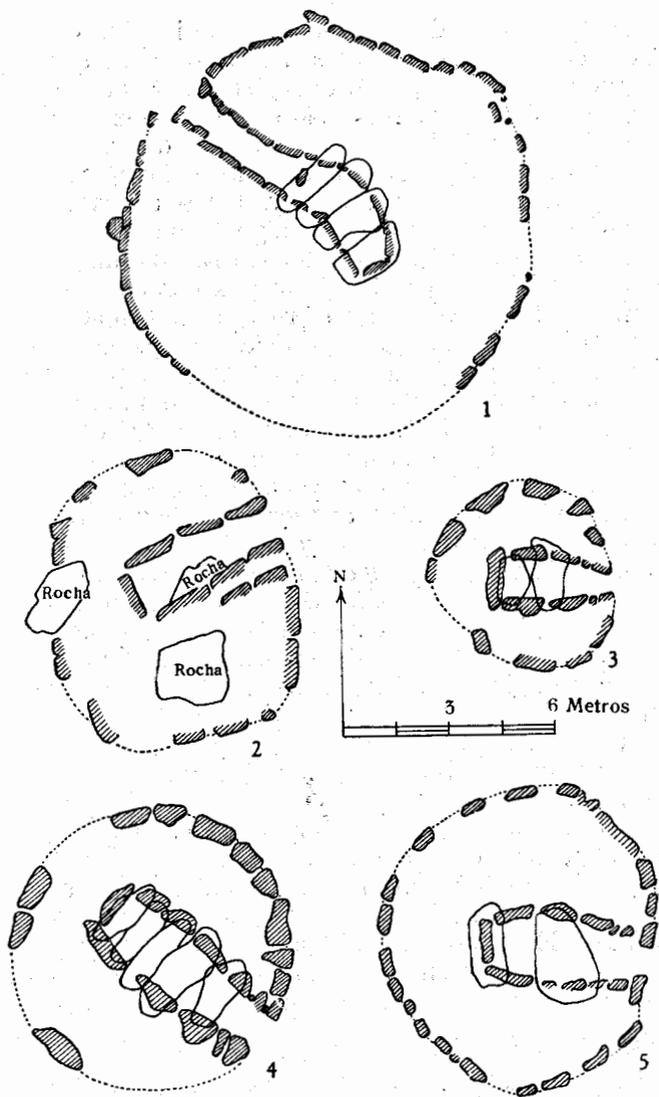


Fig 17 — *Sepulcros do Grupo das Ilhas de Scilly*

1, St. Mary's 7; 2, St. Martin's 2; 3, Nonthwethel; 4, St. Mary's 2;
5, Samson 5.

(De Hencken)

Cole, indicativo das zonas de minério (1), ver-se-à que, relativamente ao cobre, não se nota qualquer correspondência digna de registo, apesar de, nos últimos séculos, terem sido exploradas algumas minas deste metal nas proximidades do curso inferior do Rio Boyne, e noutra localidade perto de Slieve Gullion. Mas esta correlação assenta numa base falsa, porque em parte alguma da Europa Ocidental as populações da Idade do Bronze dispunham de equipamentos próprios para a exploração de filões profundos; a sua atenção era atraída simplesmente para os depósitos de superfície, alguns dos quais teriam sido então esgotados, e outros, tão insignificantes, que nem sequer mereceram o interesse da geologia e da indústria modernas. O esclarecimento das origens destas explorações primitivas na Irlanda, encontra-se definido nas seguintes palavras de Bishopp: «... *that copper is widely distributed over the country, but many of the deposits are so small and poor that they can now be disregarded*» (2). Na Grã-Bretanha, as *Memórias* dos Serviços Geológicos registam a existência de minério de cobre incrustado em rochas sedimentares, constituindo jazigos superficiais acessíveis à exploração (3). Por estas razões nunca talvez será possível elaborar um esquema cartográfico da utilização dos recursos metálicos que nestas Ilhas teve lugar, durante os tempos pré-históricos.

Ora, como o principal objectivo estaria portanto nos depósitos de superfície, não é de supor que a pesquisa de minério na Irlanda se tivesse necessariamente estendido a todas as zonas apropriadas para tal fim. No sudoeste da Ilha e perto de Waterford, o cobre tanto se encontra em afloramentos de super-

(1) Grenville, A. J. Cole, *Memoir and Mape of Localities of Minerals in Ireland*, Stationery Office, Dublin, 1922.

(2) D. W. Bishopp, *Irish Mineral Resources, Emergency Period Pamphlet*, Stationery Office, Dublin, 1943.

(3) *Mem. Geol. Sur.*, Special Reports on Mineral Resources of Gt. Britain, XXX, 1925, *passim*. *Mem. Geol. Sur. of Scotland*, XVII (1921), 120 ss., Copper resources in Scotland.

fície, como em níveis profundos, tendo o Professor O'Riordáin chamado a atenção para os vestígios de explorações primitivas nas encostas de Mount Gabriel, a sudoeste de Cork. É possível que, especialmente nesta área do sudoeste, outras comunidades já tivessem iniciado explorações, ou que a região tivesse sido ocupada pelos gravadores da «arte rupes-tre galega», aproximadamente na mesma ocasião em que na costa oriental se estabeleceram os construtores dos sepulcros de corredor (1).

Finalmente, devemos salientar a importância que os cursos de água provenientes dos Montes de Wicklow tiveram na recolha do ouro de aluvião, sendo de notar que as rochas contendo insculpturas de arte galega se encontram especialmente numa zona a oeste daqueles montes, mas constituem um nível cultural sucessivo à expansão dos sepulcros de corredor.

III — Cronologia

1) Elementos externos para a sua fixação

As datas atribuídas aos sepulcros de corredor britânicos, tem variado extraordinariamente, sendo estes colocados em períodos que vão desde o Neolítico inferior à 1.^a Idade do Ferro, e até à época romana. Contudo, pondo de lado algumas ideias tão extravagantes como as de Miss V. C. C. Collum, que, apoiada em Fergusson, incluiu todas as câmaras funerárias na 1.^a Idade do Ferro, é opinião geral dos pré-historiadores que tais monumentos pertencem ao período Neolítico ou ao Bronze inicial, não obstante das recentes escavações praticadas por B. H. St. J. O'Neil, em Knackaboy Carn (St. Martin, nas Ilhas de Scilly), podermos admitir a possibilidade

(1) E. MacWhite, «A new View on Irish Bronze Age Rock-Scribings», *J. Roy. Soc. Ant. Ireland*, LXXVI (1946), 85-106.

de sobrevivências da construção de câmaras funerárias no sudoeste de Inglaterra até ao Bronze médio e final. Ao mesmo tempo, elementos recolhidos nas câmaras funerárias das Cevenas levaram também alguns investigadores a considerarem, embora com certa hesitação, determinados megálitos franceses como pertencentes à 1.^a Idade do Ferro (1). Não interessa, porém, neste lugar a data até à qual se tenha mantido a construção de câmaras funerárias secundárias ou evolucionadas, mas sim, repetimos, a data do início, nas Ilhas Britânicas, de um tipo particularmente importante de câmaras funerárias — o sepulcro de corredor.

Coffey, apoiado nos paralelismos de carácter morfológico e decorativo, existentes entre os sepulcros de corredor irlandeses e os sepulcros colectivos micénicos, sugere para New Grange uma data à volta de 1600 a C., ou posterior (2); se admitirmos para os sepulcros colectivos micénicos as datas mais recentes, teremos nesse caso de incluir os sepulcros de corredor irlandeses já dentro de um período avançado da segunda metade do segundo milénio a. C.. Hemp considerou Bryn Celli Ddu no Bronze médio, atribuindo-lhe, sob reserva, a data de 1500 a. C., não obstante afirmar, apoiado em suas bases, que as mamoadas redondas pertenciam à Idade do Bronze, e que, ele próprio o confessa, havia poucos elementos directos de valor para uma fixação cronológica (3). Kendrick aceitou as datas acima referidas para Bryn Celly Ddu e para os restantes sepulcros de corredor britânicos, estabelecendo mesmo uma distinção entre mamoadas alongadas com câmaras funerárias, que considerou pertencentes ao Neolítico, e mamoadas redondas, já do Bronze inicial

(1) Sobre este assunto vide as observações de Childe em *Dawn*, 4.^a ed., 301 e nota 4.

(2) *New Grange and other incised tumuli of Ireland* (1912), *passim*.

(3) *Archaeologia*, LXXX, 1930, 179 ss.; *Arch. Camb.*, LXXXVI, 1931, 216 ss.

e médio (1). Contudo, a maior parte dos tratados ingleses de Arqueologia não fazem distinção entre os diversos tipos de câmaras funerárias, pelo menos sob o ponto de vista cronológico, e, quer influenciados pela ausência do metal nessas câmaras, quer baseados, não nos paralelos apontados por Coffey, mas na remota data atribuída aos sepulcros de corredor ibéricos e bretões — atribuem às câmaras funerárias britânicas, bem como à maior parte de outras câmaras sepulcrais, a segunda metade do terceiro milénio a. C.. Nestes termos, Hawkes (2) colocou os sepulcros de corredor escoceses «no século anterior, pouco mais ou menos, a 2.000 a. C.», e Childe datou-os entre 2100 e 1500, isto é, por volta de 1850 a. C., visto serem, certamente, mais antigos do que os primeiros sepulcros de corredor da Dinamarca (3).

Resta-nos agora proceder à análise dos elementos de que dispomos para o estabelecimento da cronologia dos sepulcros de corredor britânicos, e veremos em que altura do período que decorre desde 2500 a 1500 a. C. se poderão criteriosamente colocar os mais antigos sepulcros de corredor da Europa Ocidental, na parte que diz respeito às Ilhas Britânicas. Os dados para a fixação desta cronologia são de duas origens: 1) externa, e 2) interna. Como os elementos subsidiários externos são os mais deficientes, começaremos por estes. Os argumentos, com base no exterior, para o estabelecimento da cronologia dos sepulcros de corredor britânicos, apoiam-se na teoria da origem destes, felizmente aceite em larga escala, isto é — de que os primitivos sepulcros de corredor britânicos são derivados dos da Ibéria ou da Bretanha. Daqui resulta que, aceitando como boa esta teoria, devemos encontrar determinado grau de sincronismo entre os sepulcros de corredor irlandeses e os da Bretanha, do sul da Espanha e de Portugal. Os dados forâneos para a fixação da data

(1) Vide Kendrick e Hawkes, *Archaeology in England and Wales*, 1914-31, 116-7.

(2) *Prehistoric Foundations of Europe*, 191.

(3) *Dawn of European Civilization*, 4.^a ed. (1947), 333.

dos mais antigos sepulcros de corredor britânicos conduzem-nos assim a formular duas proposições: 1) estes monumentos funerários britânicos devem ser posteriores aos ibéricos mais remotos; 2) serão provavelmente contemporâneos, em parte, dos da Bretanha.

Infelizmente, a data dos sepulcros de corredor da Península Ibérica não é das mais seguramente estabelecidas na Pré-história da Europa Ocidental. Siret tentou sincronizar Los Millares com os *tholoi* micênicos, fixando para o Calcolítico pleno na Espanha a data de 1600-1200 a. C. (considerando este período como da utilização dos sepulcros de corredor), antecedido de uma cultura inicial, a de Almeria, que decorre entre 2300 e 1600 a. C., e seguido do período de El Argar, desde 1200 a 800 a. C.. Déchelette, no seu *Essai sur la Chronologie Préhistorique de la Péninsule Ibérique* (1), e posteriormente Childe, no seu livro *The Dawn of European Civilization* (cuja 1.ª edição é de 1925), rejeitaram os argumentos de Siret e propuseram uma data situada na segunda metade do terceiro milénio. Forde, no seu *Early Culture of Atlantic Europe*, defende uma data à volta de 2500 a. C. para o começo dos sepulcros de corredor ibéricos (2), tendo sido aceites por Bosch-Gimpera e Hawkes datas idênticas. Schmidt recuou ainda mais do que Forde aquela data, colocando os sepulcros ibéricos no período que decorre entre 3000-2500 a. C., e datando o Bronze Argárico entre 2500-2000. Nils Åberg (3), por sua vez, adoptou uma cronologia muito mais remozada, aproximando de novo a data dos sepulcros de corredor ibéricos pouco mais ou menos da data inicialmente proposta por Siret. Recentemente, em duas sínteses da Pré-história hispânica, Almagro e Martinez Santa-Ollala consideram a primeira metade do segundo milénio como o período de florescimento dos sepulcros de cor-

(1) *Revue Archéologique*, 1908, 219 ss.

(2) *American Anthropologist*, 1930, 19 ss.

(3) *Bronzezeitliche und Früheisenzeitliche Chronologie*, especialmente o volume III (1932).

redor ibéricos, sugerindo as datas de 1800-1400 a. C. como limites cronológicos absolutos para Los Milares (1). Childe, posto que fixando, na sua *Chronological Table of Prehistory* (2), elaborada de colaboração com Burkitt, o início dos sepulcros de corredor ibéricos em 2500 a. C., confere, na 1.ª edição do citado volume *Dawn*, ao Calcolítico pleno da Ibéria a data 2200-1700 a. C., e a El Argar a de 1700-1200, fazendo apenas uma alteração destes números na 4.ª edição, aliás de suma importância para este nosso estudo, qual foi a de reduzir o começo do Bronze Argárico para 1400 ou 1500 a. C. (3). Daqui se conclui que a data dos sepulcros de corredor ibéricos, tal como sucede com os da Grã-Bretanha, pode considerar-se compreendida dentro do largo período cujos limites vão desde 2500 a 1500 a. C. (4).

Haverá possibilidade de reduzir estes limites? É hoje uma doutrina bastante divulgada considerar os sepulcros ibéricos de corredor, não como derivados dos dólmenes do norte de Portugal e da Galiza, o que era outrora um princípio ortodoxo, mas sim dos túmulos colectivos do Oriente Mediterrâneo, quer dos de Creta, quer dos abertos na rocha das Ilhas Cíclades. Os túmulos em abóbada de Mesará, em Creta, vão desde o Minóico II antigo até o Minóico II médio, ou seja, desde o último quartel do terceiro milénio, ao primeiro do segundo milénio (5). Os túmulos colectivos da Sicília, da Itá-

(1) Martin Almagro, *Introducción a la Arqueología. Las Culturas Prehistóricas Europeas* (1941); J. Martínez Santa-Olalla, *Esquema Paleontológico de la Península Hispánica* (Madrid, 1946).

(2) *Antiquity*, Junho de 1932.

(3) *Dawn of European Civilization*, 1.ª ed., 130; 4.ª ed., 332.

(4) Vide o sumário dos vários pontos de vista acerca da cronologia dos sepulcros de corredor da Península Ibérica, nos Leisner, *op. cit.*, 585-9.

(5) Consideramos aqui as datas minóicas mais recentemente propostas. Vide Sidney Smith, *American Journal Arch.*, 1945, 1 ss.; R. W. Hutchinson, «Notes on Minoan Chronology», *Antiquity*, 1948, 61 ss.

lia e da Sardenha pertencem talvez a este período. A civilização calcolítica do período Sículo I, com seus belos sepulcros talhados na rocha, parece datar do final do terceiro milénio a. C. (a julgar pelo achado de placas de osso esculpidas (Fig. 18), e de um botão, igualmente de osso, do punho de uma espada de modelo troiano), mas prolonga-se nitidamente até meados do segundo milénio; e as mesmas datas tem sido propostas para idênticos sepulcros da Sardenha, com suas placas de osso esculpidas, suas estatuetas de mármore (Fig. 19, n.º 1), copiadas de modelos do período Cicládico III antigo, e suas bilhas arcaicas egêas (1). O grupo de sepulcros colectivos recentemente explorado em Gaudò, próximo de Paestum, foi datado do final do Minóico médio, começos do Minóico tardio (2). Mas não se segue que estes monumentos funerários do Mediterrâneo Central, que nós consideramos sepulcros de corredor, sejam necessariamente anteriores aos sepulcros de corredor ibéricos, devendo antes remontar a uma data aproximadamente igual.

Os espólios dos sepulcros de corredor ibéricos têm sido por diversas vezes minuciosamente estudados, no intuito de se obterem sincronismos cronológicos com o Oriente mediterrâneo. Déchelette comparou a cerâmica pintada de Los Millares à do período Minóico médio. A ornamentação de «oculi» (Fig. 20) estilizados, na cerâmica proveniente dos sepulcros de corredor ibéricos, tem sido comparada a decorações semelhantes de Tróia II a Tróia V. A figurinha de Almizaraque (Fig. 19, n.º 2) encontra paralelos nas de Tróia II, e nos ídolos de már-

(1) Por vezes estas placas de osso tem sido atribuídas a Tróia II, outras vezes consideradas de Tróia II a Tróia V. Bittel (*Marburger Studien*, I, 12), coloca-as entre Tróia III e IV, datando-as de 2100 a 1800 a. C., enquanto que Schaeffer, em revisão mais recente, as limita a Tróia III, atribuindo-lhes a data de 2300-2100 a. C. (*Stratigraphie Comparée et Chronologie de l'Asie Occidentale*, págs. 244-5).

(2) P. C. Sestieri, «Primi Risultati dello Scavo della Necropoli Preistorica di Paestum», *Rendiconti dell'Accademia di Archeologia. . . . di Napoli*, 1947-8, 1 ss.

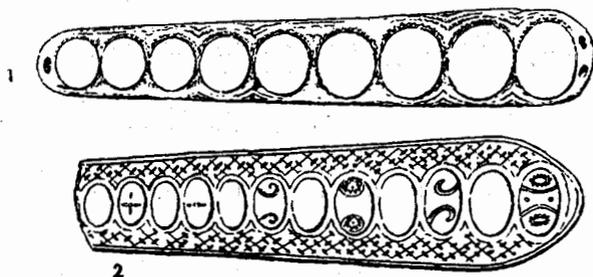


Fig. 18

- 1, Placa de osso procedente de Hissarlik ;
 2, Placa de osso de uma sepultura de Castellucio

(De Stret)

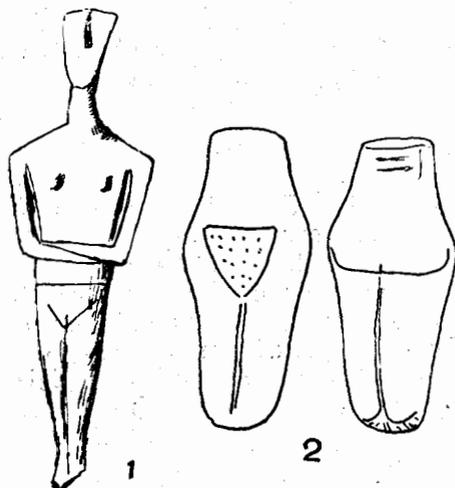


Fig. 19

- 1, Figurinha de mármore procedente das Ilhas Cíclades (Grécia)

(De Childe)

- 2, Figurinha de alabastro, de Almizaraque (Almeria)

(De Stret)

more das Cíclades. O remate ou botão de marfim do punho de uma espada encontrado em Nora é do tipo de Tróia I. Uma conta de colar segmentada, de pedra, procedente de Palmela é do tipo Minóico II antigo. Desnecessário se torna insistir mais nestas aproximações, e em muitas outras já conhecidas. A dificuldade que apresentam estes paralelismos, «essencialmente vagos» como ainda há pouco os classificou Hencken (1), consiste no facto (para citar tam-

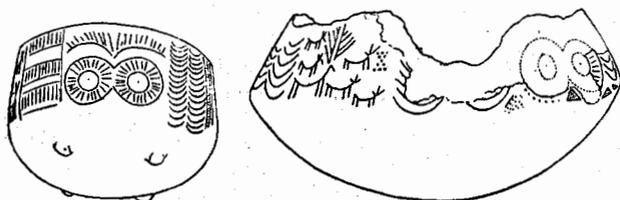


Fig. 20 — Cerâmica ornamentada com a representação de «oculi», procedente de Los Millares.

(De Siret)

bém uma opinião de Forde já emitida há vinte anos) de eles «poderem ser incluídos dentro de todo o período do terceiro milénio a. C.» (2). Recentemente, os Leisner procuraram estabelecer novos paralelos, chamando a atenção para uns objectos semi-circulares, perfurados (Fig. 21), provenientes das sepulturas 5 e 7 de Los Millares, que, em sua opinião, constituem imitações de machados de cobre egípcios, e, por esse facto, devem ser datados de 2100 a. C. (3). Ora, ainda mesmo que se confirmassem estas cópias, bem como a origem egípcia de tais objectos de Los Millares, o que aliás é muito discutível, o seu uso no

(1) *American Journ. Arch.*, 1946, 343.

(2) *Amer. Anth.*, 1930, 58.

(3) Vide reprodução nos Leisner, *op. cit.*, est. 12. De G. Leisner veja também artigo em *Arqueologia e Historia*, I (Lisboa, 1945), 11 ss. e ests. 7 e 9.

Egito durou muito mais tempo do que a tese de Leisner o admite, e portanto esses achados apenas poderiam provar a existência de relações que tiveram lugar, sem maior precisão, dentro do terceiro milénio ⁽¹⁾. Esta afirmativa de Leisner salienta contudo um ponto muito importante, qual seja o da sucessão da cultura do Bronze Argárico aos sepulcros de corredor ibéricos. Forde argumentou que o estabelecimento de uma Cultura do Bronze Argárico por volta de 1600 a. C.

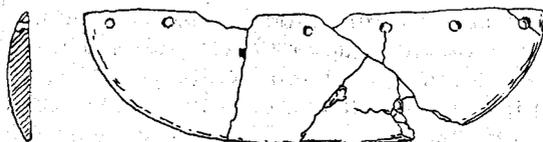


Fig. 21 — Imitação, em osso, de um machado egípcio de cobre (segundo Leisner). Procedente da sepultura 5 de Los Millares.

(De Leisner)

significava que os sepulcros ibéricos de corredor estariam nessa altura provavelmente a atingir o seu terminus, datando-os, por consequência, do período de 2500 a 1600 a. C. A sobreposição destas duas culturas, evidenciada de um modo tão claro por Leisner, demonstra indiscutivelmente que os sepulcros de corredor ibéricos chegaram pelo menos aos começos de El Argar, isto é, já a uma época bastante avançada da segunda metade do segundo milénio a. C. ⁽²⁾. Piggott, numa análise muito hábil do

(1) Tão pouco nos parece haver possibilidade de fixar a cronologia das câmaras funerárias pré-históricas da Península Ibérica simplesmente em presença de uma faca que foi também considerada de tipo egípcio, achada em Vila Nova de S. Pedro, povoação de construtores de sepulcros de corredor, atribuída indiscutivelmente ao período Calcolítico (vide E. Jalhay e Afonso do Paço, *Actas y Memorias de la Sociedad Española de ... Prehistoria*, XX, 1945, 5 ss., e est. XIX).

(2) As datas adoptadas pelos Leisner são: para Los Millares-I, 2200-1800, e II, 1800-1500; e para El Argar, a partir de 1500 a. C.

material encontrado em sepulcros de corredor portugueses, inverte o processo usual desta investigação cronológica, procurando estabelecer a data daqueles sepulcros por comparação com o material britânico, e propõe assim a sua inclusão no período que decorre de 1800 a 1400 a. C. (1).

No estado actual dos conhecimentos sobre Arqueologia pré-histórica mediterrânea comparada, parece que devemos considerar realmente alguns dos sepulcros de corredor ibéricos ainda posteriores a 1500-1400 a. C., início do Bronze Argárico. Åberg tentou demonstrar que a Cultura ibérica dos sepulcros de corredor teve uma curta duração; porém, mesmo que não aceitemos essa tese, custa realmente admitir que tal cultura já florescesse numa data tão recuada como 2500 a. C.. Parece mais verosímil aceitar que os dados de que dispomos nos sugerem para o começo dos sepulcros de corredor ibéricos uma data situada entre 2000 a 1800 a. C.. Sir Artur Evans foi o primeiro a propor que a expansão do Calcolítico no Mediterrâneo ocidental tivesse sido devida a influências do Minóico médio, mas, desde o seu tempo até hoje, tem-se manifestado uma tendência, pelo menos entre os pré-historiadores ocidentais, no sentido de recuar essa influência ao Minóico antigo. É certo que Hawkes, na sua obra *Prehistoric Foundations of Europe*, distingue duas fases nas relações do Mediterrâneo Oriental com o Ocidente, datando a primeira de cerca de 2500 a. C., e considerando a segunda contemporânea do período micénico. Recentemente, porém, Miss Kantor, numa nova análise do comércio minóico, acentua que a Cultura minóica mais antiga não exerceu quaisquer influências externas, e que a primeira grande expansão do comércio egeu, ou sejam, as primeiras relações comerciais fora do Arquipélago grego só tiveram lugar no período Minóico II médio, isto é, em 1900-1700 a. C. (2). Sem perfilharmos a opinião de que os sepulcros de

(1) *Revista de Guimarães*, 1947, 139 ss.

(2) H. J. Kantor, *The Aegean and the Orient in the Second Millennium B. C.* (1949).

corredor do Mediterrâneo Central e da Ibéria eram os túmulos dos «mercadores aventureiros dos reis-sacerdotes de Creta», como queria Evans, seria realmente tentador podermos incluí-los no grande período da expansão cretense.

Uma tal data estaria perfeitamente de acordo tanto com a evidenciada pelos testemunhos da Península Ibérica, como pelos seus paralelos britânicos apontados por Piggott. Os paralelismos isolados relacionados com o Minóico antigo teriam então de ser interpretados como simples sobrevivências. Devemos porém concordar que, apesar de as datas propostas, isto é, 1900 a 1400, ou a 1300 a. C., nos parecerem hoje as mais conformes com todos os testemunhos invocados, é ainda possível, contudo, defender uma data muito mais recuada para os sepulcros ibéricos corredor (*i. e.*, colocá-los na segunda metade do terceiro milénio), ou, por outro lado, regressar à tese de Siret-Åberg, considerando-os todos posteriores a 1500 a. C..

Analisemos agora a posição cronológica dos sepulcros de corredor franceses. Os elementos de investigação levam-nos a concluir que os sepulcros de corredor do sul da França são contemporâneos do vaso campaniforme e imediatamente posteriores a ele (períodos *Beaker* e *post-Beaker*, ou Calcolítico II e III da cronologia de Hélène), e constituem o nível cultural sobreposto a estações como a de Grotte du Ruisseau (Monges), que deu uma conta segmentada, de faiança. No Morbihan, Le Rouzic verificou que a maioria dos sepulcros de corredor andava ligada ao achado de vasos campaniformes do tipo ibérico, propondo, a certa altura, a separação de uma classe desses sepulcros, mais antiga, pré-*Beaker*, que designou «*dolmens à encorbellement sous tumulus, et petite galerie d'accès*» (1), e pretendeu classificar

(1) Vide *L'Anthropologie*, 1934, 489. No ano anterior (*Id.*, 1933, 233), Le Rouzic tinha classificado estes sepulcros como «*énéolithiques*», mas em conversa e correspondência posterior (anos de 1934 a 39) mostrou que não dispunha realmente de elementos para defender a distinção do referido grupo de sepulcros de corredor pré-*Beaker*.

no Neolítico Superior. Os exemplares desta classe apontados por Le Rouzic foram Parc Guren, Mané Bogart, Mané Brisil, Mané Lavarec e Coet Kerzut. Não existe, porém, base alguma segura, quer no que respeita à forma destes sepulcros, quer à natureza dos seus espólios, que os distinga da classe principal dos sepulcros de corredor, tais como os Kercado (Fig. 22), ou Table des Marchands. As escavações de Parc Guren (Fig. 23), por Closmadeuc em 1867, e por Le Rouzic em 1897 e 1926, colocaram esta questão no seu verdadeiro pé: dos achados faziam parte fragmentos de vasos campaniformes, pingentes de pedra perfurados, machados de pedra polida, uma conta segmentada de faiança, e um punhal de cobre com rebites. Ora, ainda mesmo que a conta de faiança e o punhal se relacionem, possivelmente, como então Le Rouzic sugeriu, «com qualquer enterramento secundário, efectuado numa data posterior à dos fragmentos de olaria dolménica e de vasos campaniformes, igualmente recolhidos no solo» (1), o certo é a existência indiscutível de cerâmica campaniforme neste exemplar do grupo de sepulcros de corredor que ele classificou de pré-Beaker (2). É verdade que a conta segmentada de faiança, de Parc Guren, poderia também provir de uma primitiva ocupação do túmulo, pois, num caso ou outro, essa utilização manter-se-ia durante um longo período de tempo. Até à data, porém, nada se conhece dos sepulcros de corredor bretões que permita admitir que os colonisadores ibéricos ocupantes da costa da Biscaia, desde Finisterra à Charente, partissem da Ibéria anteriormente à data em que o vaso campaniforme fez parte integrante da Cultura dos sepulcros de corredor da Espanha e de Portugal. Os sepulcros de

(1) *Man*, 1929, 69.

(2) Os dados fornecidos pelo monumento de Conguel têm sido várias vezes invocados com o fim de se atribuir a alguns megálitos bretões uma data anterior à Cultura do vaso campaniforme. Há na verdade uma grande probabilidade de que muitas das câmaras funerárias bretãs sejam anteriores ao aparecimento dos campaniformes ibéricos. O monumento de Conguel não é um sepulcro de corredor.

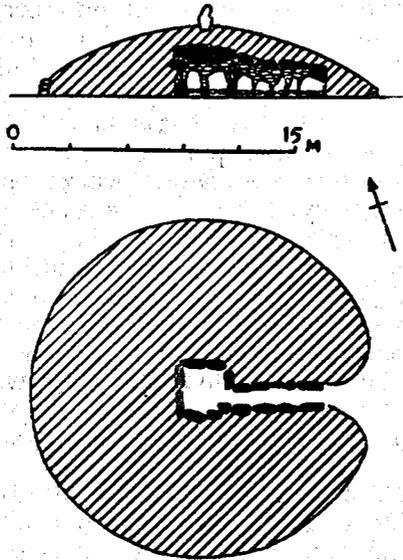


Fig. 22 — *Sepulcro de corredor de Kercado (Morbihan)*

(De Childe)

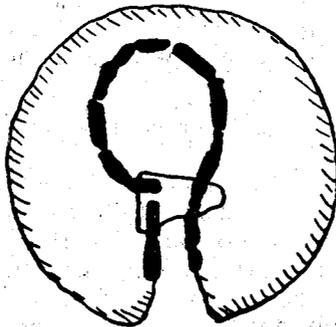


Fig. 23 — *Sepulcro de corredor da Cultura de Biscaia: Parc Guren. (Crach, Morbihan)*

(De Le Rouzic)

corredor bretões não devem, portanto, ser tão antigos como os da Ibéria, podendo ser-lhe atribuído o período que decorre desde 1800-1700 a 1300-1200; e uma data semelhante parece poder fixar-se às câmaras funerárias das Ilhas Normandas. Já atrás nos referimos ao grupo de sepulcros de corredor da classe mais recente, ou secundária, localizados nas áreas das Ilhas de Scilly, bem como no sudoeste da Cornualha e em Tramore. Ora, se este grupo deriva, na verdade, dos sepulcros de corredor em V da Bretanha, devemos então atribuir-lhe uma data à volta de 1500 até 1000 a. C., ou mesmo até mais tarde, sendo isto com efeito o que nos sugerem não só os achados de Bonsor em Obadiah's Barrow, na Ilha de Gugh, e em Porth Hellick Down, como igualmente os de B. H. St. J. O'Neil, em Knackaboy Carn, na Ilha de St. Martin.

Esta nossa rápida, posto que precária, revisão dos elementos subsidiários para o estabelecimento da cronologia dos sepulcros de corredor da Europa Ocidental, na parte respeitante à Península Ibérica e à França, permite-nos contudo admitir que as datas de 1800-1200 possam aceitar-se como prováveis limites cronológicos dos mais antigos sepulcros de corredor britânicos. Analisemos agora os próprios dados de que dispomos nas Ilhas Britânicas, a fim de vermos se é possível alcançar para estes nossos monumentos funerários maior precisão cronológica.

2) Dados cronológicos internos.

Qualquer contribuição para o estudo da posição cultural ocupada pelos construtores dos sepulcros de corredor, baseada no material recuperado nesses túmulos das Ilhas Britânicas, é presentemente muito difícil (1). Na sua maioria, os túmulos mais importantes têm sido abertos e saqueados durante séculos, e nenhum dos sepulcros de corredor primitivos, do

(1) Childe apresentou um resumo do material procedente dos sepulcros da Irlanda (*Prehistoric Communities of the British Isles*, 1949, 67 ss.).

tipo ibérico, foi até hoje explorado segundo os métodos de escavação modernos. Na Irlanda tem-se encontrado cerâmica e outros restos de vários sepulcros, em Lochcrew, Belmore e Carrowmore (1), mas as melhores informações de que dispomos são provenientes das escavações realizadas por Macalister e por outros investigadores em Carrowkeel (2), bem como por P. T. Walshe em Baltinglass (3). Acerca dos sepulcros de corredor do País de Gales, os elementos cronológicos são verdadeiramente escassos. Em Bryn Celli Ddu, Hemp não encontrou mais do que a extremidade de um raspador fracturado, de certa variedade de quartzo, uma conta de pedra de forma cilíndrica, achatada, e umas 15 a 20 lascas de sílex e de quartzo, incluindo parte de um *petit tranchet*, pertencente à classe D da classificação tipológica de Clark (4). Em Ty Newydd, num dólmen do tipo B, ligado ao grupo dos sepulcros de corredor do País de Gales, C. W. Phillips encontrou cinco pequenas lâminas de sílex, trabalhadas, uma ponta de seta de sílex, pedunculada e com asas laterais (*barbed and tanged*), parte de um machado, também de sílex, e alguns fragmentos possivelmente de um vaso campaniforme (5). Da Escócia nada se conhece, até à data, acerca de quaisquer espólios encontrados nos monumentos que classificámos de sepulcros de corredor primários.

Pelo que respeita aos sepulcros de corredor irlandeses, apesar de não ser possível estabelecer qualquer afinidade com os túmulos mais antigos, devido à falta de achados, pode talvez ser de algum modo útil tentar definir a posição de um bem conhecido grupo, considerado regional e secundário, que, por dedução, nos pode fornecer um *terminus ante quem*.

(1) Vide referências às publicações originais, em Powell, *P. G. J.*, 239.

(2) R. A. S. Macalister, *Proc. Roy. Irish Acad.*, XXIX (1912), 311 ss.

(3) P. T. Walshe, *Proc. Roy. Irish Acad.*, XLVI (1941), 221 ss.

(4) *Archaeologia*, LXXX, 208, fig. 2.

(5) *Arch. Camb.*, 1936, 97.

aproximado para os túmulos directamente inspirados nos da Ibéria. O espólio proveniente dos sepulcros de Carrowkeel forneceu a maior, mais variada e proveitosa colecção de exemplares, o que nos permite apontar, aliás sem carácter definitivo, as correlações que possam notar-se entre aquela estação e outros grupos culturais da Idade do Bronze na Irlanda.

Foram em Carrowkeel exploradas treze mamoadas, cinco das quais (as *B*, *E*, *G*, *K* e *O*) produziram fragmentos de cerâmica. A cerâmica das mamoadas *B*, *E*, *G* e *K* era de um tipo especial, que recebeu a designação de «cerâmica de Carrowkeel»; a mamoadas *K* continha ainda um «vaso de comida» (*food-vessel*), típico da Idade do Bronze, e a mamoadas *O* deu igualmente outro vaso de comida, mas parece que nenhuma outra espécie de cerâmica ali foi encontrada.

Devemos notar que estes dois vasos de comida estavam completos, representando evidentemente uma deposição final colocada nos sepulcros. A restante cerâmica encontrava-se completamente fragmentada, e é possível que já tivesse sido introduzida nos sepulcros nesse estado. Desconhece-se a forma dos vasos da cerâmica de Carrowkeel; os bordos eram planos superiormente, ou recurvos para o exterior, e a decoração consistia principalmente em grosseiras fiadas de ornatos, praticados com a extremidade de um osso ou de um pau. Um pequeno fragmento procedente da mamoadas *B* contém um desenho constituído por três semi-círculos. Em Carrowmore foram encontrados por Wood-Martin fragmentos de cerâmica do tipo de Carrowkeel, e pelo menos um fragmento da mesma família foi também considerado procedente de Baltinglass. A característica ornamentação estampada da cerâmica de Carrowkeel, está igualmente representada entre os fragmentos de Lochcrew, e a cerâmica deste local é em regra parecida com aquela, mas a maioria das vezes decorada com linhas oblíquas, executadas segundo a técnica designada entre os arqueólogos britânicos por *stab-and-drag* (furar e arrastar).

Procedente de uma outra localidade, é também conhecida cerâmica do tipo de Carrowkeel, e esse achado reveste um particular interesse. Em Moy-

tirra, no Condado de Sligo (1), foi encontrado um fragmento dessa natureza, juntamente com restos bem típicos de um campaniforme da classe B. Trabalhava-se de uma cista de inumação coberta por uma mamoa.

Os vasos de comida de Carrowkeel têm uma importância muito especial, porque, seja qual for a sua posição dentro da tipologia desta família cerâmica, devem traduzir um contacto benéfico dos seus fabricantes com os construtores de sepulcros naquela mesma área. De onde poderemos concluir que essas vasilhas têm, na sua respectiva série, uma data relativamente antiga, ou então que na região de Carrowkeel os vasos de comida foram introduzidos mais tardiamente do que noutros pontos da Irlanda setentrional e ocidental, onde apareceram vasilhas idênticas. O vaso de comida da mamoa *K* foi comparado por Evans e Megaw (2) a outro (*A*), de uma mamoa de Mt. Stewart (Down), contendo várias cistas; quanto ao exemplar da mamoa *O*, é mais provável que seja dos mais antigos do que recente na tradição cerâmica, em virtude da decoração radial da sua base. Devemos notar que ambos estes recipientes pertencem, morfologicamente, ao tipo de «vaso».

É de supor que os vasos de comida de Carrowkeel definam uma etapa nas relações culturais com os construtores de sepulcros de corredor, porque nem de Lochcrew nem de Baltinglass são conhecidos fragmentos de uma tal classe de vasos, e esta circunstância aliada ao facto do aparecimento em Moytirra de cerâmica típica de Carrowkeel juntamente com cerâmica campaniforme do tipo *B*, mais favorece a hipótese de os túmulos de Carrowkeel estarem a atingir a fase final da sua utilização, quando os dois vasos de comida ali foram depositos. A falta de prova em contrário, tem sido aceite que os túmulos de Carrowkeel seriam aproximadamente da mesma data, construção e uso, o que permite inclui-los todos

(1) Vide *Journ. Roy. Soc. Ant. Ireland*, LXXVI (1947) e referências ali contidas.

(2) *Proc. Preh. Soc.*, 1937, 33.

dentro de um mesmo período, que é lícito considerar abrangendo uma única fase cultural. De entre estes sepulcros que produziram artefactos, a mamoa *O*, devido à sua pequena câmara, semelhante a uma cista, deve ser considerada uma das mais recentes.

O achado em Tibradden de um vaso de comida, numa cista existente dentro da câmara de um sepulcro de corredor primitivo, leva-nos à suposição de se tratar de um depósito secundário tardio; seria contudo para desejar o resultado de uma nova e mais completa exploração deste sepulcro pelo Professor O'Riordáin. Mas ainda mesmo que esse vaso de comida de uma câmara funerária de Belmore possa representar uma autêntica deposição secundária, tal facto não conduz a qualquer novo problema, em face das provas produzidas por Carrowkeel, se considerarmos esse depósito praticado durante o período em que o sepulcro estava ainda em pleno uso.

Parece admissível que os campaniformes do tipo *B* de Moytirra e de Loch Gur sejam contemporâneos, visto que, no círculo *B* do último destes lugares, foram encontrados fragmentos de campaniforme *B* juntos com fragmentos de vaso de comida que ostentavam uma decoração excisa, ou em falso relevo ⁽¹⁾. Outro vaso de comida, igualmente com ornato em falso relevo, achado em Croghan Eirin (West Meath), apareceu acompanhado de um punhal com rebites, que mostrava afinidades com a Cultura de Wessex ⁽²⁾; todavia, a existência deste conjunto, citado por Raftery, não está absolutamente garantida.

Se por um lado é verosímil o sincronismo do campaniforme e do vaso de comida de Loch Gur com o início da Cultura de Wessex no Sul de Inglaterra, é curioso, não obstante os dados existentes, que nenhum campaniforme tenha sido encontrado em qualquer dos sepulcros de corredor irlandeses, uma vez que eles apareceram, como é sabido, em sepulcros da mesma classe, de Portugal e da Bretanha.

(1) O'Riordáin, *Proc. Preh. Soc.*, 1946, 157.

(2) J. Raftery, *Journ. Roy. Soc. Antiq. Ireland*, LXX (1940), 61.

Pena é que um vaso de comida de Currandrum (Galway) não possa identificar-se inteiramente, sob o ponto de vista tipológico, com qualquer dos dois atrás citados, a não ser na sua forma, igualmente do tipo de « vaso ». O principal interesse deste enterramento por incineração numa pequena cista deriva de ter sido também ali encontrada parte de uma cabeça de alfinete de osso, com estrias (Fig. 24). São bem conhecidas as afinidades gerais com a Ibéria deste tipo de alfinetes pertencentes a sepulturas da « Idade do Cobre », contemporâneas do uso dos sepulcros de corredor em Portugal (1). O Grupo de sepulcros de Currandrum é de especial importância para este nosso estudo, como prova da contemporaneidade, na Irlanda, dos enterramentos por incineração colectivos e singelos, nas estações do início da Idade do Bronze. A certeza de que também dentro do mesmo período se praticavam enterramentos individuais por inumação, encontra-se no importante túmulo de Drimnagh (Dublin) (2), e na cista, aliás um pouco mais tardia, de Halverstown (Kildare), onde os restos de um esqueleto apareceram acompanhados de um vaso de comida com decoração em falso relevo (3).



Fig. 24.— Cabeça de alfinete de osso estriado, procedente de uma sepultura de Galway (Irlanda)

(De Childe)

Não foram até hoje encontrados objectos de metal em qualquer dos sepulcros de corredor irlandeses, mas, em Moylough (Sligo), a lage de cober-

(1) L. F. Chitty, *J. Galway Hist. and Arch. Soc.*, XVI (1934), 63 ss.; V. G. Childe, *Cuadernos de Historia Primitiva*, II (Madrid, 1947), 18 e fig. 3.

(2) H. E. Kilbride Jones, *J. Roy. Soc. Antiq. Ireland*, LXIX (1939), 190 ss.

(3) *J. Roy. Soc. Antiq. Ireland*, LXX (1940), 57.

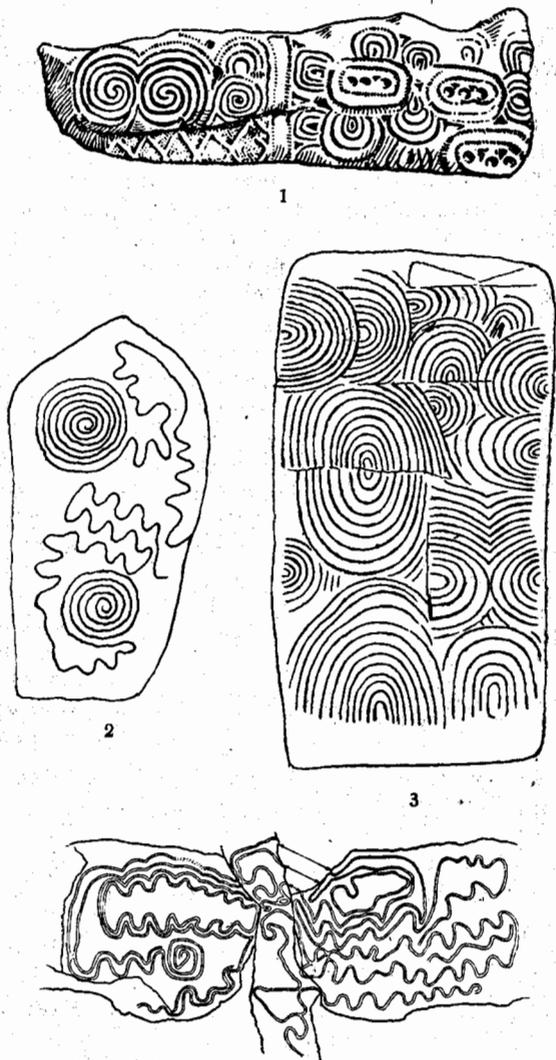


Fig. 25 — A «arte» das insculpturas dos sepulcros de corredor.

- 1, New Grange; 2, Monte de Eiró (Marco de Canaveses, Portugal);
3, Gavrinis (Morbihan); 4, Bryn Celli Ddu (Anglesey).

tura de uma cista, contendo uma incineração e onde se encontrou uma alabarda do tipo 5 de O'Riordain, mostrava na face inferior uma pequena gravura, no estilo da «arte» dos sepulcros de corredor (1) (Fig. 25). Na Irlanda, tanto em escondrijos ou entesouramentos como os de Birr, Knocknagoe, Killaha, bem como num espólio, ainda inédito, procedente do Condado de Down e depositado no Museu Nacional de Dublin, tem-se verificado a associação de alabardas com machados planos, pequenos punhais de base arredondada com rebites para a união ao punho, e facas-punhais do tipo europeu ocidental, com a lingueta de encabamento.

Esta análise sumária dos testemunhos internos que a Irlanda nos fornece assinala a existência naquella Ilha de uma cultura muito variada no Bronze inicial, quando os túmulos de Carrowkeel estavam em uso, sendo por certo devido à natureza cosmopolita da população dessa época que a indústria do metal e o comércio atingiram ali tamanha importância. E é de crer que os construtores dos sepulcros de corredor primitivos na Irlanda fossem exploradores ibéricos de minério, aos quais se poderão, portanto, atribuir ali os primeiros progressos da metalurgia.

As influências externas verificadas no material encontrado nos sepulcros de corredor irlandeses foram descritas por Childe, que salientou as afinidades ibéricas e mediterrâneas dos pingentes em forma de haltere (2), bem como por Piggott, que chamou a atenção para um pingente de pedra com estrias, procedente de Carrowkeel, semelhante a outros exemplares dos sepulcros portugueses da «Idade do Cobre» (3); estes objectos, porém, tal como os alfinetes de osso, dão mais a impressão de serem simples sobrevivências de uma tradição ibérica, do que a resultante de um contacto perdurável com o território. Se, após o estabelecimento dos imigrantes na Irlanda, tivesse havido um tráfego conside-

(1) O'Riordain, *Archaeologia*, LXXXVI (1937), 198 e fig. 3.

(2) *Prehistoric Communities of the British Isles*, 68.

(3) *Revista de Guimarães*, LVII (1948), fasc. 3-4, 11 ss.

rável entre a Ibéria e aquela Ilha, seria de estranhar não se verificarem paralelos mais nítidos nos objectos portáteis, e que para o sul não fosse drenado um maior volume do comércio insular do metal.

Ao tratar da origem dos objectos metálicos utilizados pelo povo Beaker no sul da Inglaterra, Childe concluiu que já nesse tempo devia existir na Irlanda uma indústria florescente do metal (1). Ora se aos construtores dos sepulcros de corredor pode atribuir-se o fornecimento inicial desses produtos, compreender-se-á a razão pela qual não se encontraram campaniformes do tipo *B* em Lochcrew ou em Balinglass, se bem que estes túmulos e os de Carrowkeel tenham certamente sido utilizados durante um período suficientemente longo para poderem conter deposições secundárias de campaniformes-*B*. É igualmente interessante não se terem encontrado na Irlanda restos de vasos campaniformes atlânticos, o que nos leva a concluir que a partida dos emigrantes ibéricos para estas Ilhas teria lugar antes da adopção daquela cerâmica nos sepulcros colectivos do sul, ou, pelo menos, que tais emigrantes não vinham acompanhados de artífices fabricantes desses vasos. O contraste com os túmulos bretões é notável. Se, como atrás propuzemos e Piggott recentemente defendeu (2), os sepulcros de corredor portugueses estavam em uso desde 1800 a. C., aproximadamente, não parece haver razão alguma plausível para contestar que as expedições marítimas à Irlanda tenham tido lugar dentro dos 50 anos imediatos àquela data. O valor dos testemunhos, tanto em relação à Bretanha como à Irlanda, mostra-nos que o estabelecimento dos construtores de sepulcros de corredor foi determinado com o objectivo de criarem novos mercados para os seus artefactos e não apenas para procurarem novas fontes de abastecimento próprio. Não se trataria, pois, de um esgotamento dos recursos metálicos do respectivo país, que provocasse a exploração no norte.

(1) *Prehistoric Communities*, 111 ss.

(2) *Revista de Guimarães*, LVII (1948), fasc. 3-4, 11 ss.

IV — Conclusões

Em nossa opinião, portanto, os elementos cronológicos de que dispomos, quer de ordem externa, quer interna, tais como eles se nos apresentam no estado actual dos nossos conhecimentos, são a favor de uma data para a construção dos monumentos por nós considerados sepulcros primários de corredor das Ilhas Britânicas imediatamente a seguir a 1800 a. C., continuando em uso, em determinados casos, talvez até 1200 a. C.. Para os sepulcros de corredor secundários, ou derivados daqueles, que constituem a maioria destes monumentos britânicos, propomos datas começando dentro daqueles limites, mas prolongando-se em alguns lugares até 1000 a. C., pelo menos. O testemunho de Carrowkeel leva-nos contudo a concluir que os principais sepulcros de corredor evolucionados irlandeses já estavam em uso ao tempo do começo da Cultura de Wessex no Sul da Inglaterra, o que significa que, a maioria destes sepulcros, tanto como os da classe primária, devem pertencer à primeira metade do período acima proposto.

Não é propósito nosso occuparmo-nos neste estudo das ilações que, de um modo geral, será possível tirar destas hipóteses, mas podemos, contudo, chegar a três conclusões: 1) Discordamos da opinião de que os sepulcros de corredor dinamarqueses tenham os seus protótipos nos das Ilhas Britânicas, preferindo considerar o estabelecimento do povo dos sepulcros de corredor na Dinamarca, na Suécia meridional e no noroeste da Alemanha, como resultante de um movimento que partiu directamente do ocidente da França ou da Ibéria; e, por outro lado, consideramos os sepulcros de corredor dinamarqueses e irlandeses como sendo parentes entre si. Seja, porém, qual for a opinião adoptada sobre a origem dos sepulcros de corredor do norte da Europa, a data de 1800 a. C. para os mais antigos concordaria perfeitamente tanto com os testemunhos da própria Europa setentrional, como com os dados de comparação por nós apresentados com relação às Ilhas Britânicas, à Bretanha

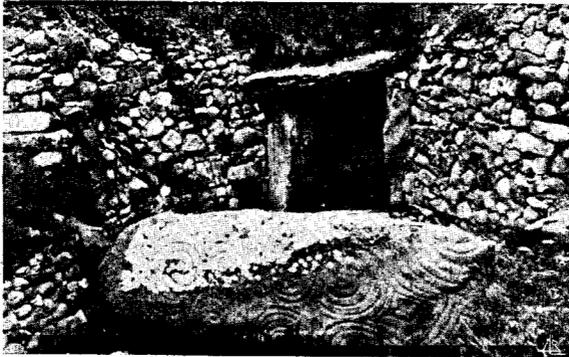
e à Ibéria (1). 2) Ainda que os sepulcros de corredor das Ilhas Britânicas devam ser presentemente datados de 1800 a 1200 ou a 1100 a. C. (*i. e.*, abrangendo o Bronze inicial e médio do esquema convencional), os túmulos colectivos das séries constituídas por galerias cobertas sob mamoas alongadas não podem incluir-se nestas datas. Por certo que, em face das provas existentes, os primeiros túmulos do grupo Severn-Cotswold devem ser anteriores ao vaso campaniforme (2). 3) Se os construtores dos sepulcros de corredor se estabeleceram nas áreas metalíferas e lhes podemos atribuir o desenvolvimento do Bronze Atlântico, desde a Ibéria ao ocidente da Inglaterra e à Irlanda, é curioso notar que em poucos desses sepulcros se tenham encontrado objectos de cobre ou de bronze, não obstante os sepulcros de corredor bretões e dinamarqueses conterem frequentemente machados de pedra que são autênticas cópias de exemplares de metal. Mas este facto envolve um problema de carácter sociológico, ao qual a Arqueologia pré-histórica nunca poderá dar uma solução formal, e por isso nos devemos contentar aqui simplesmente em definir a sua natureza.

(1) Childe (*Dawn*, 4.^a ed., p. 333), atribui aos sepulcros de corredor dinamarqueses e do sul da Suécia a data de 1900 a 1500 a. C. Note-se também o paralelo que é possível estabelecer entre o início do período dos sepulcros de corredor na Dinamarca e o período de utilização da necrópole de Alcalar, no Algarve (Childe, in *London Inst. Fourth Ann. Report*, 1948, 57).

(2) Sobre este ponto, vide Crawford, *Long Barrows of the Cotswolds*; Mrs. E. M. Clifford, «The Cotswold Megalithic Culture», in Fox e Dickins, *Chadwick Memorial Studies* (1950); Daniel, 1950, 125 ss.



1



2



3

- 1, *Entrada do sepulcro de Bryn Celli Ddu (Anglesey).* (De Hawkes).
2, *Entrada do sepulcro de New Grange (Irlanda).* De Childe.
3, *Mamoa redonda típica (round barrow,, na margem do Rio Boyne (Irlanda)*
(De O'Riordain).



1



2

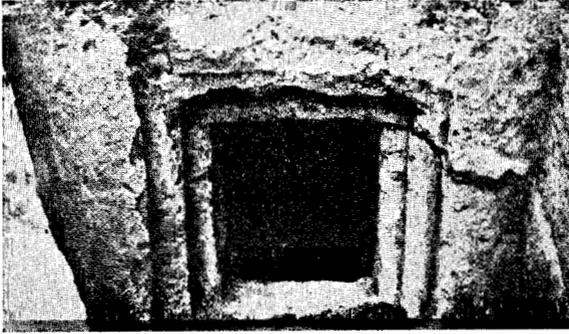


3

- 1, *Sepulcro megalítico de Presaddfed (Grupo de Anglesey)*
2, *Anta I da Herdade da Oliveira (Pavia, Alentejo, Portugal)*
(De V. Correia)
3, *Galeria coberta de Copa d'en Dau (Romoña de la Selva, Gerona)*



1



2



3

1, *Entrada do sepulcro de St. Mary's ? (Ilhas de Scilly)*

2, *Entrada da Gruta artificial n.º 2 da Necrópole de Alcalde (Málaga)*
(De Gimenez Reyna)

3, *Entrada da Gruta I de Carenaue. (De M. Heleno)*